



Capa e Batina



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Editorial

10.º ANIVERSÁRIO DO ANO INTERNACIONAL DA FAMÍLIA

O “*Capa e Batina*”, sempre atento ao que se passa à sua volta, quis centrar a sua reflexão de Natal, o Natal de 2004, em que se celebrava o 10.º Aniversário do Ano Internacional da Família, precisamente, na Família.

Seja qual for a visão que dela se tenha no contexto de diferentes culturas, seja qual for o conteúdo que se atribui ao conceito de família, no meio das mudanças a que ele tem estado sujeito ultimamente, não há ninguém que não reconheça a sua importância fundamental.

Múltiplas causas têm afectado e modificado o panorama geral da família, a ponto dela se encontrar, por vezes, abalada nos seus alicerces e em inúmeros casos, mesmo em vias de ruptura.

Sombras e luzes vão marcando o dia a dia das famílias, mas, ao contrário de muitos “profetas da desgraça” que pululam por aí, a nossa Associação, não fechando os olhos às zonas de sombra que são uma realidade, soube, com seriedade, propor uma reflexão sobre a família, que teve o mérito de ser, não é uma palestra teórica, mas retalhos de vida que ressaltaram dos testemunhos dum amplo painel de diferentes situações familiares, exemplos vivos de famílias que, cada uma a seu modo, vão ensaiando e rasgando caminhos de luz.

E foi um leque variado de vivências que todos os presentes testemunharam.

Desde todas as dificuldades por que passava **um casal de emigrantes de leste**, que vindo trabalhar para Portugal, sofriam a dureza do isolamento e da falta de apoio familiar, até à situação dum **divorciado recasado**, que, não se deixando abater por um fracasso matrimonial, ofereceu a si mesmo e aos seus filhos uma nova oportunidade de construir uma nova vida de família; passando por um casal que, numa paternidade responsável, optou por ter **uma família numerosa**, com tudo o que isso implica de trabalho, cansaço, mas de muito diálogo e alegria; ouvindo aquela avó que “ganhou” para a sua família e para o seu coração uns netos de pleno direito, através de um processo de **adoção**; até chegar ao testemunho corajoso daquela mãe, que recusando-se a considerar a sua família “**monoparental**”, pois, segundo as suas próprias palavras, os seus filhos “têm pai e mãe, graças a Deus” vai, com muita humildade e lucidez, levando sozinha a barca da sua família e da sua casa.

E, naquele Natal de 2004, viu-se que das sombras que a vida traz, por vezes, às nossas famílias pode também **nascer LUZ!**

Margarida Condado

O NATAL

TEMAS E QUESTÕES DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

No dia 18 de Dezembro, no Centro Cultural P.º Carlos Alberto Guimarães, reuniu a nossa Família Académica para celebrar esta quadra e comemorar o **10º Aniversário do Ano Internacional da Família**.

Desafiámos, para o efeito, um Casal que nos pareceu, a todos os títulos, o expoente máximo para nos falar sobre a Família e nos trazer testemunhos vivos dos vários tipos que hoje integram a nossa sociedade: o Roberto e a Maria do Rosário Carneiro, venturosos Pais de 9 filhos (vivos)! Assim surgiu um excelente Colóquio, por eles organizado, com uma breve introdução de ambos, seguindo-se depoimentos e testemunhos (de convidados seus) àcerca de:

- **Famílias Numerosas** – o jovem casal Ana e Pedro Líbano Monteiro partilharam connosco a forma como têm tentado viver algumas situações com a sua numerosa prole, sintetizando:

"Numa família numerosa cada elemento vive diariamente com um conjunto bastante diversificado de feitios, de gostos, de formas de pensamento e de comportamento. Cada membro tem assim na sua própria família, e de uma forma natural, uma escola por excelência que o prepara para a vida em sociedade, quer seja na escola, no trabalho ou entre amigos, vivendo em melhores condições de convivência, maior facilidade de relacionamento, de solidariedade e de partilha.

As atitudes de entreatajuda, de solidariedade, de paciência, de alegria e a capacidade de esforço pessoal, de dinamismo criativo, de trabalhar em grupo, de saber contar com o positivo de cada um, são vivências constantes de uma família numerosa.

Mas uma família numerosa é também um espaço complexo que exige maior organização logística, maior atenção e maior cooperação entre todos.

Os nossos filhos são dons e não direitos, ou a continuação de nós mesmos, diariamente lembramo-nos disso. A nossa função como pais e educadores é a de lhes fazer uma proposta de vida e contribuir para que os nossos filhos possam viver a vida deles como pessoas felizes, boas e úteis para a Sociedade. O bom disto tudo é que é deste modo que também nós pais somos felizes, bons e úteis para a sociedade."

- **Famílias Monoparentais** – a Rita Fontoura centrou o seu depoimento num princípio: todos os filhos têm Pai e Mãe (quando estes não vivem sob o mesmo tecto), patenteando diversas situações de eventual conflitualidade e apontando formas de

vencê-las ou torneá-las de molde a não afectar os filhos e proporcionar-lhes uma vida tanto feliz.

- **Famílias de Adopção** – a Margarida Condado teve, à última hora, de colmatar uma ausência e deu-nos a sua perspectiva e vivência de Avó dos 3 filhos da Sofia: os mais velhos são adoptados (de origem não comum) e o último é biológico, vivendo em verdadeira harmonia e fraternidade, sem quaisquer distinções.

- **Famílias Imigrantes** – a Aline e o Adrian Serban, moldavos, apareceram com a filha Beatriz, de 3 anos, já nascida em Portugal, e deram conta das dificuldades que os levaram a procurar o nosso País, do acolhimento social que lhes foi dispensado, mas frisando a precariedade de emprego, mesmo desajustado às suas formações académicas (jurista e engenheiro).

- **Famílias Recompuestas** – o Luís Lamas transmitiu-nos o que é, na realidade actual, um lar com "os meus, os teus e os nossos", as vicissitudes da harmonização, a disponibilidade afectiva que implica de parte a parte e os constrangimentos a superar até atingir um salutar clima familiar.

- **Famílias com Situações de Perigo** – o Francisco Vilhena interveio na sua veste de psiquiatra especialista na matéria, chamando a atenção para casos de risco em famílias e crianças à nossa volta, projectando e explicando tipologias diversas e correlativa soluções.

O debate foi caloroso e interessado e, no final, a Maria do Rosário teceu considerações reportadas a trabalhos seus de docente universitária, dos quais respigamos os seguintes trechos:

“FAMÍLIA, SOCIEDADE, ESTADO

I

A família é naturalmente o lugar do acolhimento e da transmissão.

a. Porque é onde se nasce;

b. Porque é onde se é acolhido, porque se nasce, ou porque se é acolhido;

c. Porque é ainda o sítio das memórias: dos saberes e dos hábitos, das rotinas e das inovações, das histórias detalhadamente contadas ou só vagamente lembradas.

E é também naturalmente o lugar que é construído, o grupo que é formado e consolidado em cada dia e em cada acto concreto, praticado, pelo facto de se viver e trabalhar juntos, partilhando ideias e pro-

jectos, sucessos e desaires, alegrias e sofrimentos. Não pode por isso ser tomada como uma abstracção, entendida como uma ideia, uma teoria ou um conceito cristalizado:

- a. É o resultado de um projecto, de uma aliança, de um compromisso;
- b. É o resultado de relações interpessoais, queridas, comprometidas;
- c. É uma comunidade de pessoas que neste projecto comum, de amor e de compromisso, procuram também a felicidade;
- d. É uma comunidade de pessoas que vive num tempo concreto.

A família acolhe e ensina:

a. Ensina no acto e na forma de acolher, na palavra dita, na história contada: permitindo a aprendizagem do que é essencial à vida e à sobrevivência, mas também o que é acessório e supérfluo;

b. Ensina fazendo, porque aprendizagem eficaz é a que experimenta o que se aprende – através das rotinas repetidas, das atitudes assumidas, dos testemunhos apresentados, das relações desenvolvidas, das regras aplicadas e também das regras quebradas;

c. Ensina fazendo juntos, porque ao encaminhar cada um para a descoberta de si próprio – permite a aprendizagem do outro, da capacidade de se colocar no lugar do outro, de ter empatia;

d. Ensina a ser. O desenvolvimento de cada pessoa pressupõe o desenvolvimento da capacidade de pensar autonomamente, de decidir por si própria nas diversas circunstâncias da vida, de assumir os actos praticados ou omitidos; ensina, por isso a ser livre, responsável, solidário, cúmplice, pessoa que ama e é amada.

II

Contudo, a família também exclui.

Exclui porque tem pouco espaço para amar, porque se esquece da palavra ou do gesto que faz a comunicação, que estabelece a relação, porque omite o testemunho, porque:

a. Já está excluída porque é pobre, está afectada pelo desemprego, a miséria é uma ameaça ou uma realidade:

b. Já está excluída porque tem poucas competências – a pobreza, as debilidades educativas e culturais, são muitas vezes responsáveis pela incapacidade de organização do grupo familiar, traduzida na ausência de padrões de funcionamento, de normas de relação, de critérios de actuação, de papéis definidos e assumidos;

c. Já está excluída pelos diversos constrangimentos – a organização do trabalho, a participação do homem e da mulher no mercado de trabalho, a

difícil articulação com a solução habitacional que empurra para periferias cada vez mais afastadas dos locais de trabalho, que favorecem o isolamento dos grupos, que afastam das famílias de origem;

d. Já está excluída na solidão das consciências – o sucesso individual, a luta por um bom lugar, a competição permanente, são palavras de ordem de uma cultura que não é favorável nem ao sentido de grupo nem ao espírito de comunidade; na família sobra pouco espaço para a comunidade que acolhe e inclui.

III

A sociedade ocidental contemporânea apresenta alterações essenciais das quais destacaria algumas de especial incidência na vida e na organização das famílias:

a. A emancipação da mulher, a conquista de direitos políticos e sociais, a gradual e progressiva participação no mercado do trabalho; a generalização dos métodos contraceptivos;

b. A democratização do casal visível na eliminação do chefe de família, na co-responsabilização dos cônjuges;

c. A permanência da desigualdade de ritmos entre mulheres e homens na construção da vida familiar e profissional, com a consequente permanência de situações de desigualdade e a inevitável incidência na organização da vida familiar;

d. A nuclearização da família e o desaparecimento das famílias alargadas. O consequente isolamento das famílias: as famílias de origem estão longe, o modelo urbano isola, a organização do trabalho dificulta a entreeajuda.

Ao mesmo tempo o verificado aumento não controlado de comportamentos, como a delinquência juvenil, as gravidezes na adolescência, o insucesso educativo, e outros comportamentos marginais e dependentes, bem como uma desvalorização sistematizada de princípios, normas, modelos e um generalizado relativismo, têm quase sempre sido considerados como resultantes da incapacidade da família em desempenhar as suas funções.

Tende-se assim a entender a família contemporânea como um grupo frágil, progressivamente incompetente no cumprimento das finalidades que naturalmente são as suas, gradualmente desinteressante como estilo de vida.

Aliás esta convicção é frequentemente corroborada pela apresentação e análise de alguns indicadores relativos a:

a. Redução dos casamentos e aumento das uniões de factos

b. Aumento de divórcios

- c. Aumento das famílias em situação de monoparentalidade, bem como das famílias recompostas
- d. Aumento dos nascimentos fora do casamento
- e. Quebra dos índices de nupcialidade e de natalidade
- f. Aumento de casamentos tardios

IV

A sociedade cresceu de tal forma que fomenta a indiferença pelo alheio, dilui os laços de vizinhança, quebra os grupos e as relações de pertença. É nas palavras de Amitai Etzioni a quebra do nexus comunitário, ou nas de Putman a perda de capital social, ou ainda nas de Alexis de Tocqueville a diluição dos laços do coração.

Dizendo de outra forma, observa-se a desintegração das instâncias de socialização e conseqüente desaparecimento de valores como a solidariedade, justiça, entreatajuda, liberdade. É uma sociedade progressivamente constituída por indivíduos virados para si próprios.

O tecido comunitário mantém-se estável na base de um capital social mínimo e a diminuição do capital social enfraquece a coesão social.

V

A sociedade, o Estado precisam das famílias – estáveis, funcionais.

As famílias representam o seguro colectivo da reprodução – física, das memórias, das competências; representam também o seguro colectivo da funcionalidade – do acolhimento, das aprendizagens, dos comportamentos; representam ainda o seguro colectivo da formação e consolidação da coesão social.

Famílias e Estado são parceiros contratualizados – pela explicitação de direitos e deveres – para uma comum construção social.

Contudo, e apesar de ser cada vez mais evidente, a necessidade de, de forma inequívoca, reforçar as capacidades das famílias para que estas voltem a ser competentes, o Estado continua através de uma

intervenção não integrada a desvalorizar a família, banalizando-a, esvaziando-a de conteúdos e de finalidades, legislando de forma abusiva e intrusiva.

VI

A recuperação do capital social, o seu fortalecimento, bem como a estabilidade do tecido social, o robustecimento da coesão social, passa de forma premente pela capacidade real das famílias em desempenharem as suas funções.

A percepção das modificações familiares, da incidência no desenvolvimento e na felicidade de cada um, é no entanto bem complexa:

- os comportamentos individuais, as opções privadas derivam de um conjunto intrincado de circunstâncias que os condicionam e determinam;

- a sua alteração é lenta e não o resultado simples e imediato da formulação de uma política ou da criação de algumas condições;

As opções das famílias são profundas, não correspondem a modas. Têm sempre a ver com os constrangimentos e as conjunturas.

O Estado tem uma função determinante nesta matéria: Contudo, o Estado é composto por pessoas, grupos, organizações. O Estado é a expressão da vontade destas entidades.

As famílias, através dos seus membros, têm também elas responsabilidades na formulação das respectivas políticas e têm que exigir políticas públicas subsidiárias:

- Centradas na dignidade humana, na liberdade da pessoa, na realização da felicidade de cada um,
- Assentes na convicção de que as famílias são competentes, livres, autónomas,
- Recusando conceitos cristalizados, eliminando estereótipos,
- Adequadas aos novos tempos, conceitos, papéis.

Famílias, sociedade, Estado, de novo parceiros de um verdadeiro contrato social."

Maria do Rosário Carneiro



Os Coordenadores e seus Convidados

84.º ANIVERSÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA – 2004

CASINO ESTORIL, 20 DE NOVEMBRO

E mais uma vez se renovou a Tradição que os Antigos Estudantes de Coimbra, dispersos pelo País e pelo Mundo, já não dispensam: comemorar a "*Tomada da Bastilha*".

Convocados pela Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, vieram de todo o lado até ao Casino Estoril na noite de 20 de Novembro de 2004.

Pelas 19h00, no *Du Arte Garden* teve início o "Coimbra de Honra" e aí os primeiros "encontros" e os primeiros abraços, muitos deles com várias décadas de espera !!!

No *Foyer*, à esquerda do Palco do magnífico Salão Preto e Prata, onde iria decorrer o Jantar, estava patente a Exposição "Tunos", comemorando os 20 anos da Tuna dos Antigos Tunos, bem como a carreira académica do homenageado e um dos seus fundadores: **Prof. Dr. Polybio Serra e Silva**.

Às 19h45, em ponto, abriram-se as portas do *Salão Preto e Prata* e, em pequenos grupos para evitar congestionamentos, entrou-se para o Restaurante e, acompanhados por gentis assistentes do Casino, cada um ocupou o seu lugar na mesa que previamente lhe estava destinada.

Às 20h00 iniciou-se o Jantar.

Para recordar aos que lá estiveram e para deixar água na boca aos que, certamente por impossibilidade, não puderam estar presentes, aqui lhes deixamos a apetitosa Ementa:

- - Creme de lavagante com natas;
- - Coxas de pato braseadas com molho de citrinos;
- - Requeijão com molho de abóbora;
- - Café;
- - Vinhos branco e tinto "Dão Terras Altas";
- - Espumante.

Às 22h00 teve início o Show do Casino denominada "Fruta Cores".

Como de costume, e na sequência de alguns "shows" memoráveis, foi um espectáculo de bom nível, mas, dado o brilho e o êxito de alguns espectáculos de outros anos, as opiniões dividiram-se, uns achando o deste ano manifestamente inferior, outros, pelo contrário, entendendo que esteve ao mesmo nível dos anteriores. Porém, dum modo geral, podemos dizer que agradou plenamente.

Às 23h15, terminado o "show deles", no *Foyer* houve visita à já referida Exposição, ao mesmo tempo que num dos extremos do *Foyer* a Orquestra do Casino

dava início a um animado Baile, aliás muito frequentado, sendo evidente que este "apontamento" é indispensável nas nossas confraternizações. Boa iniciativa da Direcção a que os presentes se associaram com entusiasmo, de tal modo que foi com dificuldade que se parou a Orquestra para se poder dar início ao "Show Nosso".

Eram quase 24h00 quando o signatário desta crónica, modesto e improvisado *Apresentador*, subiu ao palco, saudou os presentes em nome da Direcção da Associação e chamou para o palco os elementos dos Corpos Gerentes da Associação, bem como os representantes da Direcção-Geral e da Assembleia Magna da Associação Académica de Coimbra. Pediu, depois, à Presidente da Direcção da Associação Dr.^a Fátima Lencastre para usar da palavra não sem antes a *advertir* que "dado o adiantado da hora só tinha 3 minutos para falar", ao que esta respondeu que já vinha munida de uma "ampulheta precisamente de três minutos".



As boas-vindas

Disse a **Dr.^a Fátima**:

"Isto não é nenhuma competição com a dupla de ilusionistas Luís de Matos/Condorcet, mas simplesmente um instrumento de contenção de palavras no tempo fixado, que é mínimo. Por isso, vou aproveitá-lo já e, em nome da AAECL, sejam todos bem-vindos, hoje e sempre.

E começo por saudar e agradecer ao Magnífico Reitor, Prof. Doutor Seabra Santos, que preside a este evento na mais alta veste académica e que vai falar-nos depois sobre a revista "Rua Larga".

Ao Presidente da Assembleia Geral da nossa Associação, Dr. Almeida Santos, e aos restantes membros dos Órgãos Sociais, aos Presidentes das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra em Braga, no Porto, no Ato Mondego e em Coimbra, aos Presi-

dentos da Casa da Académica em Lisboa, da Casa dos Açores, da Casa das Beiras, da Casa de Goa e da Associação dos Pupilos do Exército, com quem temos protocolos de Associação.

Ao ilustre homenageado, Professor Doutor Polybio Serra e Silva, que é perito e é uma sumidade em assuntos do coração, anatomicamente falando, claro. Mas, a propósito, é curioso que os alunos que hoje vão receber o prémio que todos os anos nós damos ao melhor aluno da Universidade indicado pelo Magnífico Reitor, os dois vêm ex-aequo, saíram da Faculdade de Medicina Dentária. Não há dúvida nenhuma que é apanágio nosso termos o coração ao pé da boca.

Aos queridos Tunos, que comemoram hoje o vigésimo aniversário da constituição da sua Associação e a quem o Casino ofereceu o bolo de aniversário que foi entregue ao seu Presidente, Prof. Eng. Silva Afonso, e que vão ofertar-nos interpretações magistrais, fazendo jus aos seus maestros e à sua fama.

À dupla Luís de Matos/Condorcet com a curiosidade de que o Luís de Matos faz questão de, hoje e aqui, ser o ajudante do Condorcet.

Ao grupo Serenata de Coimbra, que vai coroar este evento, com aquela qualidade que todos lhe reconhecem.

Ao nosso Apresentador, Tito Costa Santos, com esta alegria e esta maestria que nós também já conhecemos.

Finalmente, ao Casino do Estoril, na pessoa do seu Presidente do Conselho de Administração, o eterno ausente, que deixa sempre a cadeira na minha frente vazia e eu sem possibilidades de um "tête a tête" mas, os seus muitos afazeres não lho permitem. Mas ficam os nossos agradecimentos e, sobretudo, ao nosso querido Joaquim Couto que, sempre que toca a Coimbra e a qualquer dos organismos ligados a Coimbra, esquece que é Director Comercial desta casa (e não há aqui nenhum Administrador que me ouça) e favorece-nos o mais que pode, dando as melhores condições e transmitindo este vírus à sua Suzaninha, digamos, à sua assistente Suzaninha, que já é querida nossa do coração e a toda a equipa de colaboradores que já nos fazem uma festa, porque desde 1978 que este Casino acolhe os antigos estudantes de Coimbra.

Permitam-me que deixe para final a jovem Academia de Coimbra, hoje aqui representada pelo Pedro Paz e pelo João Rana, que vêm em representação do Presidente da Direcção Geral, do Miguel – que fez questão em me pedir, muito sinceramente, que dissesse aqui que lamentava não estar presente, mas problemas de saúde de última hora de um familiar

seu muito chegado o impediram. E nós, antigos estudantes de Coimbra, pedimos a estes representantes que sejam porta-voz de um desejo e de uma mensagem:

O desejo é intemporal, é completamente alheio a qualquer postura político-partidária ou a qualquer crença religiosa, mas é sustentado pela legitimidade que confere ao antigo estudante o seu estatuto de parceiro social da Universidade. E esse desejo é que permaneçam intocáveis a dignidade e o prestígio da vetusta Universidade de Coimbra e da sua riqueza cultural, de que nós temos sido os arautos ao longo dos anos, cá dentro e lá fora, e sempre no respeito pelas Instituições Académicas e Universitárias. Porque elas estão consagradas pelo que de melhor e mais salutar existe na velha tradição coimbrã.

A mensagem é natural e é singela: as Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra, espalhadas por todo o Continente, pelas Ilhas, por Cabo Verde, pelo Brasil, com o seu imenso caudal de experiências diversificadas e com a sua vivência de genuína solidariedade, poderão ser para o actual estudante de Coimbra um apoio, um acolhimento, quando ele vier engrandecê-las e perpetuar esta mística de Coimbra, que une a todos ao redor da sua Universidade."

Terminou a sua alocução com um vibrante Efe ,erre á pela Universidade de Coimbra, secundado por todos os presentes.

O Apresentador convidou, então, o **Magnífico Reitor** para usar da palavra, salientando que deveria ter apenas 3 minutos, mas, porque solicitara 10, tal nunca poderia ser negado ao Magnífico Reitor, que, depois de agradecer o convite para estar presente em mais este Aniversário da Tomada da Bastilha, o 84.º da ordem, e a oportunidade de dirigir a palavra nesta ocasião aos queridos antigos estudantes de Coimbra em Lisboa, fez uma resenha completa sobre os empreendimentos e as actividades da Universidade de Coimbra, realçando o projecto que o levou a falar-nos, ali, directamente:

"A edição recente – vai no 6.º número – duma revista da Universidade de Coimbra: a **Rua Larga**, que se pretende seja um veículo de comunicação entre os actuais estudantes, entre a actual comunidade universitária e os antigos estudante da Universidade de Coimbra. Entendo que quem como vós, regularmente, tem vontade e tem muito empenho em participar em reuniões como estas, revivendo anualmente, pelo menos uma vez, provavelmente mais, o espírito de Coimbra e a ligação que mantém à vossa Universidade, entendo que têm e terão seguramente interesse em saber, mais regularmente, notícias dessa

vossa instituição. O acesso à Rua Larga, uma revista trimestral, que através de uma cuidada preparação gráfica e de um conteúdo relativamente aprofundado, permitir-vos-á seguramente conseguir esse objectivo e manter actualizada a vossa informação e o conhecimento do que se passa todos os dias, todos os meses, na vossa Universidade: entrevistas a professores, a funcionários, a estudantes, notícias várias, artigos de opinião, textos literários, de tudo um pouco encontrarão nessa revista, que, como vos disse, para além do mais tem uma preparação e aparência gráfica que é de relevar e que pode constituir, e constituirá seguramente, esse veículo que se pretende seja de transmissão e de ligação entre a actual Universidade e os seus antigos estudantes. Não vos vou maçar mais, vejo que me esqueci de rodar a ampulheta, mas fiz de propósito. Desejo, naturalmente, a todos a continuação de uma boa noite de festa, de alegria e de confraternização à volta da nossa Universidade e à volta do espírito académico que nos caracteriza a todos. Muito obrigado."

O Apresentador solicitou, depois, aos representantes da Direcção-Geral e da Assembleia Magna da AAC para acompanharem ao palco os alunos da Universidade de Coimbra este ano premiados, respectivamente, **Dr.ª Ana Margarida Rafael Simões** e **Dr. Daniel da Mota Gonçalves**, que obtiveram as melhores classificações no ano lectivo findo na Licenciatura em Medicina Dentária, indicados pelo Magnífico Reitor e que repartiram o prémio de € 500,00 (quinhentos euros).

Fez entrega do Prémio o Vogal do Conselho Fiscal **Eng.º José Manuel Matos Costa**.

Seguiu-se um dos momentos mais significativos da noite: a Homenagem ao **Prof. Dr. Polybio Serra e Silva**, uma das Figuras mais marcantes da vida estudantil do seu tempo a que se seguiu uma carreira académica ao mais alto nível científico, catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra, com grande prestígio nacional e internacional.

Ao ser chamado ao palco pelo Apresentador, abriu-se o pano do palco aparecendo a Tuna dos Antigos Tunos, integrando o homenageado, que interpretou o Hino Académico, respeitosamente ouvido de pé por todos os presentes.

Encarregado de fazer o discurso de homenagem, o **Dr. Luiz Goes**, lenda viva da Música de Coimbra, e condiscípulo do Homenageado, disse:

"Quis a Direcção da nossa Associação que fosse eu a desempenhar a difícil tarefa de fazer o elogio do nosso homenageado, o Prof. Doutor Polybio Serra e Silva. Difícil, porque não é vulgar depararmo-nos

com uma personalidade tão polifacetada como a sua: médico e cientista ilustre, artista de muito mérito e, acima de tudo, um ser humano rico de valores. Tive a honra de ter sido seu colega de curso e, nesses já longínquos anos 50, pude observar de perto o seu exemplar comportamento de amigo leal e companheiro solidário, que a todos encantava com a sua imaginação e bonomia. A vida encarregou-se de comprovar a justeza dos vaticínios que então sobre ele fazia. Com júbilo, fui tomando conhecimento do seu notável percurso académico e da sabedoria com que soube conciliar sempre a sua condição de mestre universitário com as actividades culturais, na mais legítima observância das honrosas tradições académicas de Coimbra. Perdoe-se-me que recorde, aqui e agora, outros que percorreram os mesmos caminhos. Com emoção, falo do saudoso António Brojo e dos queridos amigos José Mesquita e Jorge Tuna, de quem muito ainda esperamos no campo da música de matriz coimbrã. E que dizer do nosso António de Almeida Santos e do seu notável contributo? É que as universidades não podem ser apenas fábricas de licenciados, mas sim, devem formar homens com H grande e liderar a luta contra a rudimentariedade das intenções.

Enquanto estudante, já o Polybio se revelava como um astro refulgente, neste céu quotidiano, tantas vezes desolado e nu. Foi elemento da Tuna Académica da Universidade de Coimbra, tendo sido Presidente da Direcção durante vários anos e Presidente da Assembleia Geral e elemento de um Grupo de Fados e Guitarradas do Coral da Faculdade de Letras, sob regência de Francisco Faria. Antes da TV ser inaugurada em Portugal, participou em programas de fados e guitarradas nos Açores e na TV Belga, com António Portugal e Machado Soares. Com Moura Guedes, Mendes Silva e Júlio Serra e Silva, seu irmão, encabeçou a 2ª Tomada da Bastilha, em 4 de Abril de 54. Em 54/55 foi Vice-presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra. Em 1956, ano da sua formatura, foi, simultaneamente, Presidente da Tuna Académica da Universidade de Coimbra, Vice-presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra, Presidente da Comissão Central da Queima das Fitas, Delegado de Curso, elemento do Grupo de Fados do Coral da Faculdade de Letras. Licenciado em Medicina em 59, iniciou a sua carreira assistencial em 61, sendo nomeado Director dos Serviços de Medicina 2 dos Hospitais da Universidade de Coimbra em 1976, ocupando este lugar até à sua jubilação, em 20 de Maio de 1998. Doutorou-se com distinção e louvor em 73. Fundou em 1975 a consulta externa de profi-

laxia da aterosclerose e das dislipidémias dos Hospitais da Universidade de Coimbra. Encarregado da regência da Endocrinologia e das Doenças Metabólicas e da Nutrição em 77. Aprovado, por unanimidade, para Professor Agregado em 1980 e para Professor Catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra em 1990. Membro do Loyfield (?) Council, foi também membro fundador do For Latros (?), embrião da Sociedade Portuguesa da Aterosclerose, de que foi fundador e primeiro presidente. É, actualmente, presidente honorário. Fundador e investigador, coordenador do Núcleo de Estudos da Aterosclerose e da Hipertensão. Foi, igualmente, Director Científico da Revista Ateroma e do Boletim da Sociedade Portuguesa de Ateromas. Presidiu e organizou 10 Jornadas Internacionais da Aterosclerose, as primeiras Jornadas Latinas da Aterosclerose, a 2ª Reunião Luso-Italiana de Cardiologia Preventiva, o 2º e 5º Congressos da Sociedade Portuguesa da Aterosclerose, 11 Jornadas de Doenças Cardio-vasculares e de Aterosclerose da Região Centro para clínicos gerais, 4 Jornadas Científicas da Delegação Centro, 6 Cursos de Lipídeos e diversos simpósios satélite. Levou a efeito vários rastreios em diversos grupos etários, com vista a trabalhos de investigação na área cardio-vascular. Proferiu mais de três centenas e meia de conferências. Participou em inúmeras palestras, comunicações livres, mesas redondas ou reuniões de consenso, com vista à realização de estudos do perfil cardio-vascular de vários universos populacionais. Autor ou co-autor de perto de 200 trabalhos científicos publicados em revistas nacionais e estrangeiras. Publicou, em poesia e em prosa, alguns livros dirigidos à prevenção vascular. Foi, igualmente, presidente de uma comissão de avaliação do ensino superior na área da saúde e do bem-estar e Vice-reitor da Universidade Vasco da Gama. Actualmente Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Medicina, com 76 anos, exerce ainda medicina privada. É Presidente do Conselho Geral e da Delegação Centro da Fundação Portuguesa de Cardiologia, Director Clínico da casa para idosos Rainha Santa em Coimbra. Mas, como disse o Professor Abel Salazar, médico que só sabe Medicina, nem Medicina sabe e, ainda, o Polybio consegue, nas horas de lazer, ser presidente honorário e bandoleiro da Associação dos Antigos Tunos da Universidade de Coimbra, da qual foi fundador e primeiro presidente. Membro do Lions Clube de Coimbra e da Academia do Bacalhau de Coimbra, sócio honorário da tertúlia Saber Viver o Vinho, do Funchal. Adora rimar e acordar, de Verão e de Inverno, com um mergulho em piscina de água fria, gosta muito de um pouco de

vinho tinto e tem esta percepção positiva do envelhecimento: A idade pouco importa. Ultrapassada a porta das bodas de diamante, amante de versejar a brincar, considerando uma sina o trabalho, a bandola e a piscina, adorando, não minto, à refeição, com moderação, uma boa comunhão entre um bom tinto e um bom prato, mirando o espelho, vou-me negando a ser velho e faço este auto-retrato: Almeida da prevenção, há meio século sem férias, com a vassoura na mão, cá vou varrendo as artérias.

Polybio, meu querido amigo, perdoa-me todo este meu pobre arrazoado. Em nome de uma velha amizade, quero reafirmar o que julgo fundamental em ti. És um ser de eleição. Cultivas a amizade fraterna e a ternura como bens essenciais. Não sabes renegar os valores legítimos do passado e vives atentamente as realidades do nosso tempo. Sabes, com esclarecida determinação, continuar a tua obra científica e resistir a este penoso dia a dia. Permite-me que exalte o papel de uma grande mulher, a tua, a Isabel, no percurso da tua vida. Ela pertence ao número das que se constituem como bastiões da luta contra a pequenez e a mediocridade e que não se comportam como meras contabilistas dos afectos, ou tecnocratas das virtudes. Neste vazio conceptual em que todos, quer queiramos quer não, vamos navegando, fazem falta seres humanos com a tua dimensão. Continua, pois, Polybio, a ser o que sempre foste!"

O Prof. Dr. Polybio respondeu, dizendo:

"Eu estava capaz de começar por dizer que esta honra e este culto bem o pudéreis prestar a um homem de grande vulto. É que, de facto, não vejo qualquer razão para que isto aconteça. E digo-vos sinceramente, estou de tal modo comovido que estou, simplesmente, escorado numa coisa. É que, tendo estado ontem e hoje, todo o dia, em reuniões da Fundação Portuguesa de Cardiologia a falar de prevenção vascular, espero que isso de alguma coisa tenha servido para fazer a prevenção do meu coração e evitar que, com toda esta emoção, eu possa ter um enfarte de miocárdio. Esperemos que não, porque seria um final de noite que, não quero dizer que fosse chorado por muita gente mas, enfim, pelo menos incomodaria, com certeza, esta reunião. Assim sendo, portanto, eu simplesmente recordava um pequenino nada. Há relativamente pouco tempo, estranhei que o Heitor me dissesse quase ao ouvido: És tu que vais ser homenageado este ano pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa. Eu não acreditei. Julguei que ele estava a mangar comigo, mas, enfim, a coisa acabou por tomar um certo vulto e depois, mais tarde, veio realmente a dizer-me que era verdade. Hoje, aqui estou. Não há bela sem senão. Eu

estou, de facto, como devem calcular, satisfeitíssimo, rejubilo, todo o meu coração salta, mas o que é certo é que há sempre qualquer coisa que enegrece um pouco. Tenho pena que dois dos meus filhos, que se encontram no estrangeiro, não estejam aqui presentes comigo. Mas enfim, tudo isso será, naturalmente ultrapassado. Simplesmente, dizia-me exactamente o Heitor: claro que vais ser homenageado, mas só há meia hora para muita coisa e, portanto, não sei se, no caso de falares, terás que falar muito ou pouco tempo. Assim sendo, portanto, eu quero, profundamente, agradecer a todos o facto de estarem aqui presentes. É bem do fundo do coração que vos agradeço e é também cá muito do fundo que eu agradeço ao Luiz Goes por todas estas mentiras que ele esteve aqui a impingir-vos. Mas, como mais vale prevenir do que remediar, pelo sim, pelo não e com o receio de começar para aqui a falar e ultrapassar o tempo e maçar-vos muito, resolvi tomar aqui só dois ou três apontamentos, juro-vos que não chega a meia hora aquilo que vos vou dizer."

Terminou com este poema, que exprime bem a sua permanente boa disposição e as qualidades de Poeta que a Medicina escondeu:

*"Se eu tivesse tempo e boa memória
Teria decorado
O que escrevi
E agora aqui
De repente
Fluentemente
Com tudo bem empinado
Faria um excelente
Improviso estudado
Que ficaria na História
E então, como apanhado de surpresa
Mostrando estranheza
Perguntaria: - Luís
Mas afinal o que é que eu fiz
Para esta homenagem
Para ficar sem roupa?
Sim, porque tu
Puseste a minha vida toda a nu!
E nela
Nada há que me compare a Paulo Quintela
Ângelo Araújo ou Albano da Costa
Ou ao egrégio
José Régio
Nem tenho comparação
Com Veríssimo Serrão
Ferrer Correia ou Rui Alarcão
Ou outros que tais
Como Xabregas, Jorge de Moraes*

*Só por brincadeira
Me passaram esta rasteira
E como vai longa a hora
Não me dão agora
Tempo para esclarecer
Este mal entendido
Ou para agradecer
O ter sido escolhido.*

*De tudo quanto fiz,
E não fiz
Mais do que a minha obrigação,
Dado o Evento que estamos a comemorar,
Que esta nobre Associação
Nunca esquece
E que bem merece
Ser recordado
Pelo seu alto significado,
Por ter dado
Guarida
A uma Academia desvalida,*

*Quero então também recordar
Ou informar
Que, na Rua da Ilha,
Com Moura Guedes
Mendes Silva e meu irmão
Fui cabecilha
Duma idêntica "Revolução"
A 2.ª Tomada da Bastilha
Com um exército de Artistas:
Os Antigos, Tunos e Orfeonistas.*

*Foi em quatro
Do quatro
De cinquenta e quatro!
Dez lustros são passados
E de olhos voltados
Para o passado
Acho que valeu a pena, porque deu resultado
Pois foi também o embrião
Depois de grande polémica
Da nova sede da Associação
Académica.
Parece-me, pois, merecido
Que meio século volvido
Este facto esquecido
Da nossa memória
Seja recordado
E comemorado
Com euforia
Passando à História
Da nossa Academia.
Mas se não tenho tempo
Para um discurso mais elaborado*

*Tenho todo o tempo
Para vos agradecer calado
E o silêncio também é, porque não,
Uma boa forma de expressão ...*

*Espero que, em sintonia comigo
Sintam, naquilo que não digo,
O que gostaria de vos dizer...
Por isso levanto a voz
E, num grande e apertado abraço
Que para isso tenho tempo e espaço
Envolve todos, e a cada um de vós
Emocionado
Digo:
- Amigo
Muito obrigado!"*



O homenageado e sua Mulher

O presidente da Assembleia Geral da Associação, **Dr. Almeida Santos**, fez entrega ao Homenageado de um estojo com medalhas de motivos académicos. Ficou, depois, em palco apenas a **Orquestra Principal da Associação dos Antigos Tunos da Universidade de Coimbra**, constituída por 35 elementos, regida pelo **Maestro Augusto Mesquita**, e apresentada pelo seu Presidente. Actuação brilhante, com temas diversificados, onde se destacaram dois magníficos cantores, um dos quais, o **João Paulo**, com uma voz espantosa, tudo vibrantemente aplaudido pela assistência.



A orquestra e o solista

Entrou, depois, em palco o 2.º Maior Ilusionista do Mundo: **Jorge Condorcet** (o 1.º foi seu Pai, como todos sabem!!!) e o mais premiado e condecorado de todos os tempos (como o próprio demonstrou !!!). Apresentou-se acompanhado do seu "Discípulo" e "Ajudante" **Luís de Matos**, por sinal o maior ilusionista português e um dos maiores do mundo... Foi o "Momento de Ilusionismo" que deixou estupefacta e bem disposta a assistência. É que, para além de situações de pura Arte, como sempre, existiram situações em que a Arte se transformou em hilaridade geral, mas em que os mais divertidos foram, sem dúvida, o Jorge Condorcet e o Luís de Matos.



Os mágicos

Seguiu-se um dos momentos mais esperados e de maior expectativa da noite: a actuação da **Orquestra de Tangos da Associação dos Antigos Tunos da Universidade de Coimbra**, dirigida pelo **Maestro Rui Paulo Moura Branco**.

Como nos velhos tempos de Coimbra, foi com emoção e encanto que ouvimos os inolvidáveis tangos da nossa juventude, o que foi sempre sublinhado com fortes e vibrantes aplausos da assistência, rendida à arte dos nossos Colegas. Tangos como "Mi Buenos Aires Querido", "Uno", "Kiss of Fire", "La Cumparsita", entre outros, foram aplaudidos com "bravos" pela assistência, alguns logo que se ouviam os primeiros acordes.

Por fim a tradicional **Serenata**.

Desta se encarregou o **Grupo Serenata de Coimbra**, constituído pelos Guitarras **Alexandre Bateiras** e **António Serrano Baptista** e pelos Violas **João Gomes** e **Carlos Alberto Lima** ("Cabé").

A abrir a "Balada de Coimbra" de Francisco Serrano Baptista, em que foi 1º Guitarra seu filho António. Cantaram depois "Tito" Costa Santos, Alcindo Costa, Victor Carvalho, Barros Ferreira, Luiz Goes e Almeida Santos. Com Alexandre Bateiras como 1º Guitarra, o Grupo interpretou também "Variações em Lá Menor" de António Portugal.

Por fim a "Balada da Despedida do 6º Ano Médico de 1958", sendo solistas Barros Ferreira e "Tito" Costa Santos. Foram chamados ao palco os Corpos Sociais da nossa Associação, os Presidentes das Associações de Antigos Estudantes de Coimbra noutras localidades, todos os elementos que intervieram no "Show Nosso", o Prof. Dr. Polybio Serras e Silva, o Francisco Vasconcelos, e todos os cultores da Música de Coimbra presentes.



A apoteose final

A encerrar o indispensável "FRA" entusiasticamente gritado pelo Prof. Dr. Polybio e secundado por todos os presentes.

E assim terminou este **84º Aniversário da Tomada da Bastilha**, como sempre promovido pela Direcção da nossa Associação, no Casino Estoril, tendo sido considerado pela generalidade dos presentes como um dos melhores espectáculos de sempre, tal o êxito de que se revestiu e o elevado nível de muitos dos participantes.

"Tito" Costa Santos

...

Em Tempo

Recebemos do nosso estimado Sócio Armando Rocha o recorte do *Região de Águeda*, onde é colaborador da secção *Opinião*, de 26 de Novembro de 2004, sobre *A Tomada da Bastilha* realizada no Casino Estoril, que passamos a transcrever:

"A TOMADA DA BASTILHA"

Em 25 de Novembro de 1920 um grupo de bravos estudantes de Coimbra tomou de assalto a Casa dos Lentes, em plena Alta da cidade, e dela fizeram a sede da Associação Académica de que tenho gratas recordações.

Em Lisboa, todos os anos se comemora essa data com a presença de umas boas centenas de antigos estudantes que tomam por sua conta o Casino Estoril, através da Associação presidida pela dinâmica Dr.ª Fátima Lencastre.

No passado sábado assim foi também. É a altura de se reverem velhas amizades e de se recordarem cenas de outros tempos, a maioria das quais nos fazem parecer que ainda somos jovens. Pelo menos de espírito.

Tive por companhia na mesa 34 os Professores Almeida Costa e Veiga Simão com as suas simpáticas Senhoras, uma delas, a Zinha, nossa conterrânea com quem tive ocasião de recordar os tempos de escola primária, dos passeios no Botaréu, dos lanches na Pauliceia. Ouvir o Prof. Veiga Simão falar de temas universitários, de alta tecnologia, da política americana, etc, etc é uma delícia. Ouvir o Prof. Almeida Costa falar de coisas que ele bem conheceu por dentro fez com que a noite fosse curta para tanto saber feito de experiência e estudo.

Sim, porque hoje ouvem-se acima de tudo "bocas", pouca coisa sustentada em estudos rigorosos e creíveis. Só que essas "bocas" alimentam a sofreguidão das lutas partidárias, mas não fazem escola até porque já há muita gente que está farta da ignorância e até da má fé de muitos palradores que pululam na sociedade portuguesa.

Falar com gente que sabe, que tem conhecimentos baseados em estudos independentes e sérios, constitui um privilégio para quem tem essa sorte, como é o meu caso.

O espectáculo com que a Associação brindou os seus sócios teve por base os Antigos Tunos da Universidade de Coimbra que, sob a batuta do Maestro Augusto Mesquita, interpretaram lindos trechos musicais, tendo mesmo a sua Orquestra de Tangos trazido para o palco La Cumparcita e outras melodias tão do agrado da vetusta assistência.

A Tuna, que muito deve ao Prof. Polybio Serra e Silva, grande médico e cientista, era composta por algumas dezenas de antigos e actuais estudantes da Universidade de Coimbra com idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos!...

Foi justa a homenagem que a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa prestou, na ocasião, àquele distinto Professor.

Durante o espectáculo retive uma historieta contada pelo Tito Costa Santos. Lembrou ele que, enquanto caloiro dos anos '50, estava com vários colegas na Alta, com as obras em curso para os novos edificios universitários, quando se aperceberam de que estava a chegar um Governante, no caso, o Subsecretário de Estado das Obras Públicas, Eng. Alberto Saraiva e Sousa. Com ele vinham outros Dignitários do Estado, cujos motoristas ali ficaram, junto aos carros, à espera que a visita às

obras terminasse. Logo houve um estudante que se apercebeu de que, no automóvel do membro do Governo, estava no banco da frente uma caixa com charutos... Era pois uma presa com bastante interesse...

Assim, um dos estudantes convidou os motoristas para tomarem uma bica, o que foi recusado, uma vez que eles não se podiam afastar das viaturas. Só que, em tom convincente, a malta comprometeu-se a mobilizar ali mesmo uns caloiros para tomarem conta dos carros enquanto eles fossem tomar a bica. E lá os convenceram.

Escusado será dizer que os charutos foram parar a boas mãos, tendo sido substituídos, numa prova de boa vontade, por uns cigarritos.

Quando o Eng. Saraiva e Sousa chegou ao automóvel logo se apercebeu da situação. Mas, com grande fair play, gracejando, ofereceu uma outra caixa de charutos aos estudantes que o haviam "roubado"... Essa caixa (só a caixa) ainda hoje está na posse do Tito!

Assim se divertiam os estudantes nesses recuados anos '50. hoje divertem-se a fechar a Universidade a cadeado, a invadir o Senado e a insultarem o Magnífico Reitor...

Sáímos do Casino do Estoril, alta madrugada, com as belas vozes – já no Outono embora – do Luiz Goes, Almeida Santos, Alcindo Costa... a recordarem-nos as serenatas do nosso tempo."

Armando Rocha

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

...em 2004 (de Julho até Dezembro) foram:

Dr.^a D. Margarida Maria Almeida Coutinho
Bebiano Correia, Sócio 1183;

Dr.^a D. Ester Filomena de Carvalho Guedes,
Sócio 1184;

Dr. Francisco Nuno T. M. Ramos, Sócio 1185;

Dr.^a D. Maria Emília Gomes de Azevedo,
Sócio 1186;

Dr.^a D. Maria Helena Mota Salvador, Sócio 1187;

Dr.^a D. Emília Ferreira Santos Ströck, Sócio 1188;

Dr.^a D. Maria Laura de Carvalho Santana Maia
Tomaz Leonardo, Sócio 1189;

Dr.^a D. Maria Nazaré Pereira Santos Pires
Monteiro Gomes, Sócio 1190;

Dr.^a D. Júlia Maria Amaro Ribas Maranhã das
Neves, Sócio 1191;

Dr.^a D. Maria Emília Lemos Pinto Coelho Amado
Vasconcelos, Sócio 1192.

Eng. José Emílio Moutinho Correia de Matos,
Sócio 1193;

Dr.^a D. Maria Isabel de Sousa Pires Machado,
Sócio 1194

D. Ivete Suzete Neves Ventura Coelho,
Sócio 1195.

VISITAS LOCAIS

I - AO JARDIM BOTÂNICO DA AJUDA, 28 de Setembro de 2004

II - AO MUSEU DA FARMÁCIA, 22 de Outubro de 2004

III - AO MUSEU DA PRESIDÊNCIA E PALÁCIO DE BELÉM, 13 de Novembro de 2004

Sempre guiadas pelos conservadores das Instituições, continuam a merecer a adesão dos nossos Sócios, pelo que, com o maior empenho, lhes daremos continuidade.

Em Setembro o Jardim Botânico da Ajuda, o primeiro a surgir no nosso País, encantou-nos e em Outubro foi a vez do Museu da Farmácia, considerado no género um dos melhores do mundo.

Para fechar o ano (dado que em Dezembro não se fizeram visitas), em Novembro foi a vez do Palácio de Belém e Museu da Presidência, que agradou plenamente aos nossos Colegas, registando uma adesão recorde de 42 presenças, muito além do número inicialmente estipulado pelo Museu, mas que conseguimos fosse alargado.

Se ainda não fizeste alguma visita connosco, não hesites e vem para a próxima. Vais gostar!

Maria Claudina Castel-branco

OS NOSSOS PASSEIOS

Lá Fora

I - PASSEIO DE VERÃO – ATENAS/CRUZEIRO ÀS ILHAS GREGAS De 10 a 19 de Julho

Tendo sido eu mau aluno a história, nomeadamente a "história grega", com a qual grego me vi, encarei esta viagem, elaborada pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, como o preenchimento do vazio histórico que me acompanha desde os tempos do Liceu.

E se Mitologia é a ciência dos mitos, entendendo-se por mito "lenda, fantasia ou coisa que não existe na realidade", mais grego me vejo para entrar na mitologia grega, pois não consigo passar da "Cosmogonia", ou seja, não ultrapasso a teoria da formação do Universo!

Imagine-se que a divindade mais venerada na Grécia, na pré-história, foi a Terra, mas essas divindades antigas, nas quais se incluíam os "Titans" e os "Gigantes", deixaram de satisfazer a imaginação e o sentimento religioso do Homem, isto porque os homens "desejavam uns deuses mais activos" que participassem activamente em cada um dos problemas humanos.

Então Zeus, que era o único deus onnipotente do Olimpo (que era a montanha mais alta da Grécia), distribuiu, de acordo com a sua vontade, pelos restantes deuses que aí habitavam, e que eram só "quase onnipotentes", os poderes e a dignidade de cada um.

Como sabemos os 12 deuses do Olimpo eram Zeus, Hera, Ateneia, Poseidon, Demeter, Apolo, Artemisa, Hermes, Afrodite, Hefesto e Hestia e jurar pelos 12 deuses do Olimpo era "contrair o mais sagrado compromisso de honra".

Perdoe-se-me a "ignorância do macaco": será que, hoje, Afrodite é apenas conhecida pelos "produtos" e pela "lenda" que por aí circulam?!...

Mas deixemos este arazoado, a servir de intróito, e passemos à viagem propriamente dita.

No dia 10 de Julho do ano da graça de 2004, voámos até **Atenas**, onde chegámos por volta das 16 e 40 e no dia seguinte fizemos a visita à Cidade que, como se sabe, teve o seu início na Acrópole, onde se destaca o Partenon, edificado em louvor da deusa Palas Atena. Na guerra contra os turcos, os gregos fizeram da Acrópole um paiol que foi

bombardeado, daí resultando as ruínas, preservadas até hoje.

O Partenon é um "rectângulo" com 8X17 colunas, 5,5 vezes mais altas do que largas, ligeiramente abauladas no centro e inclinando-se um pouco à medida que se afastam do eixo de simetria; tudo isto para dar um "ar de leveza" a esta obra. No seu frontão, Fídias representou os eixos mais importantes de Atenas (a deusa): o seu nascimento e a sua disputa com Poseidon (deus dos mares) pelo domínio da Acrópole.



No Partenon

Pudemos apreciar o "Propileus", o "Érectus" com as suas figuras femininas, as "Cariátides" (as verdadeiras "Cariátides" encontram-se no museu da Acrópole), sustentando a arquitrave sobre as suas cabeças, e o templo de "Atena Nike", adornado com 2 fachadas com pórticos de 4 colunas.

A Acrópole impressionou-me pela monumentalidade harmónica das ruínas e fiquei a pensar no conhecimento que os gregos tinham já nessa época (século V e IV AC): como é que eles conseguiram, sem a maquinaria moderna, mover blocos de pedra pesando toneladas?!

A cidade de Atenas foi-se expandindo à volta da Acrópole e devo confessar que não correspondeu às minhas expectativas. Em boa verdade, para além dos seus monumentos, como por exemplo "A Porta de Adriano", o "Templo de Zeus", o "Estádio do Panatinaico", onde renasceram os Jogos Olímpicos da Era Moderna, o "Palácio de Zappio", a "Catedral de Atenas", a "Praça Sintagma (ou da Constituição)" que é o centro nevrálgico da Cidade, onde há uma mostra do que é mais caracteristicamente ateniense: o Edifício do Parlamento Grego, cafés ao ar livre e o ruidoso tráfego. É também nesta praça que, em frente ao Monumento ao Soldado Desconhecido, se faz a Rendição da Guarda, de hora a hora. Os soldados cerimoniais, chamados "Evzones", executam um elaborado bailado, com uma série de

posturas exageradas, longas pausas no "passo de ganso" e outros movimentos afectados das pernas. Merecem ainda referência o Museu Bizantino, o Odeón de Herodes Ático, o bairro da Plaka, o mercado central de Atenas (kendriki Agora) e o porto de Pireus, para almoçar ou jantar.

Para além destes locais, dizia eu, a Cidade de Atenas não é, quanto a mim, bonita nem limpa! Deixámos Atenas no dia 12 e, no navio "Aegean 1", rumámos a **Mikonos**, uma das Cíclades, no centro do mar Egeu, 150 km a Este de Atenas, a mais cosmopolita das ilhas gregas.

Em Mikonos a visita foi rápida, mas sabemos que tem belíssimas praias, sendo mesmo conhecida como "Capri da Grécia". Tem pequenas igrejas dispersas, alguns mosteiros, conventos e catedrais. No que respeita a capelas, começou por ter 365, uma por cada dia do ano, mas presentemente há muito mais – cerca de 500.

Como atracção importante há os moinhos de vento, que foram construídos para moer o grão dos diversos cereais que eram transportados da Europa para a Ásia, uma vez que Mikonos era a "porta de entrada" na Ásia e era, mais fácil levar o grão já moído.

Enquanto trepava em direcção a um moinho, lá no alto, senti-me D. Quixote... mas não encontrei lá qualquer Dulcineia!

Outra atracção curiosa é o pelicano que é sucessor do célebre pelicano chamado "Petru" e, dizem, o espírito deste sobreviveu no actual! Como referência em Mikonos temos a Igreja de Paraportiani, o Museu Arqueológico, o Museu Marítimo e o Museu do Folclore.

De Mikonos seguimos para **Kusadasi** que tem uma bela praia, famosa pela animação dos bares, restaurantes e inúmeras lojas e que é escala praticamente obrigatória de navios cruzeiros.

Este porto é um dos principais pontos de acesso às ruínas arqueológicas de **Éfeso**, actualmente propriedade da Turquia e que foi uma das grandes cidades dos gregos Jónicos, na Ásia Menor. Fundada por colonos vindos, na sua maioria, de Atenas, foi incorporada no Império Persa por Ciro e libertada, em 334 AC por Alexandre, o Grande.

Foi em Efeso que nasceu Heraclito, o "Senhor da Dialéctica" e do "Princípio Lógico", que é como quem diz: "O ser não é mais que o não-ser"; mas também não é menos!

Despeço-me de Kusadasi e enquanto rumamos para **Patmos** vou pensando na célebre expressão: "O ser é tão pouco como o não-ser; o devir é e também não é"!... Patmos, com cerca de 2 500 habitantes e com apenas 34 km², é uma ilha vulcânica, entre as mais

setentrionais do Dodecaneso e foi nesta ilha que esteve exilado S. João, o Teólogo, que foi Apóstolo e Evangelista e aí escreveu o livro do Apocalipse.



A Tentação de Patmos

O mosteiro de S. João foi construído sobre as ruínas do antigo templo da deusa Ártemis e a sua igreja, bizantina, tem 2 capelas, uma dedicada a S. Cristodulos e a outra à Virgem Maria. O tesouro desse mosteiro é constituído por verdadeiras jóias, como por exemplo, vestes sacerdotais bordadas a ouro com pedras preciosas, cruzes, cálices sagrados, ceptros de Imperadores, mitras de Patriarcas (como a do Patriarca Ecuménico Neofitus VI, com 3 kg de ouro e adornada com pedras preciosas) e a coroa do Imperador Bizantino Aléxis I. De referir ainda a Biblioteca com os seus manuscritos, alguns escritos em pergaminhos, os seus inúmeros volumes de edições antigas e mais de 13 000 cópias de documentos diversos.

De Patmos para **Rhodes** viajámos de noite e eu, como "menino bem comportado", recolhi ao beliche, para poder gozar o tempo livre.

Rhodes tem lendas curiosas:

Uma diz que Hélios, que tinha sido excluído da "partilha da terra", por estar ausente, fez ver ao pai dos deuses, Zeus, a injustiça dessa exclusão, o que fez com que Zeus fizesse emergir das águas do mar esta bela ilha florida, hoje também conhecida pela "ilha do sol", pois é, no mundo, o lugar que tem mais dia de sol.

Outra lenda diz que a ilha nasceu do amor entre Hélios e a ninfa Rhodos, filha de Poseidon, deus dos mares.

Rhodos situa-se no sudeste do mar Egeu, onde este encontra o Mediterrâneo, e o seu nome poderá dever-se a "rodo" que significa rosa.

Não se pode falar nesta ilha sem nos acudir à mente o "Colosso de Rhodes" que era, nem mais nem menos, uma estátua gigante do deus Hélios, erguida na entrada do porto, com um pé em cada coluna, de modo que os barcos passavam por baixo da estátua, e comemorava a vitória sobre Demetrius e o retorno à liberdade. A estátua estava nua e tinha, na cabeça, uma coroa eriçada (era 1 das 7 maravilhas do mundo).

Um terramoto, 56 anos depois da sua construção, fê-la ruir e os seus pedaços ficaram, durante séculos, ao longo do porto e os habitantes de Rhodes recusaram a sua reconstrução, por admitirem que o deus Hélios, sentindo-se ofendido, usou o terramoto para a derrubar.

Curiosamente há quem pense que a Estátua da Liberdade, na América, que tem as mesmas dimensões que o Colosso, seja um "eco" deste, e por isso também denominada "Colosso Moderno".

Em Rhodes poderá ver-se o Castelo dos Cavaleiros, com as suas muralhas, o Museu Arqueológico, onde se pode admirar a estátua, em mármore, de Afrodite, o Museu Folclórico, onde poderá mirar um "Vaso Típico de Rhodes", a Cidade Antiga, o parque Rodini, a Igreja da Anunciação, o Teatro Nacional, a Praça da Liberdade.

Ficámo-nos por Rhodes, mas penso que merecia ser vista a cidade de Lindos, com a sua Acrópole.

A 15 de Julho chegámos, às 7 da manhã, a **Heraklion**, na ilha de **Creta**, a maior e mais rica do mar Egeu. Os habitantes de Creta era o povo de navegantes: eram os "pelagos", ou homens do mar. Visitámos **Knossos**.

Os palácios da civilização minoica eram a habitação do Rei, da sua família, de cortesãos, de artistas e do pessoal de serviço, eram cercados de ricas cidades e de uma vasta comunidade urbana e tinham um labirinto do palácio de Knossos, onde morava o Minotauro, tinha sido construído por Dédalo e era o mais complicado.

Penso que será interessante recordar a lenda de Tseu e o Minotauro: um jovem herói ateniense, de nome Tseu, ao saber que a sua cidade tinha de pagar anualmente a Creta 7 rapazes e 7 moças, para serem entregues ao insaciável Minotauro, pediu para ser

incluído e ao chegar a Creta conheceu Ariadne, filha do rei Minos, que se apaixonou por ele e, para o salvar, pediu a Dédalo a planta do palácio e na convicção que Tseu poderia matar o Minotauro, mas não saberia sair do labirinto, deu-lhe um novelo, dizendo-lhe que o fosse desenrolando, à medida que progredisse no labirinto.

E, como reza a lenda, Tseu assim fez e, depois de matar o Minotauro, encontrou o caminho da saída com a ajuda do "fio de Ariadne"!

O Museu de Heraklion é o 2º da Grécia, mas é único pela sua importância na civilização minoica, cujos vestígios móveis estão expostos pelas 20 salas e galerias, destacando-se, por ser fundamental, a cerâmica, mas não podemos esquecer os objectos em marfim.

No que respeita a Heraklion, foram encontradas provas físicas da existência desta cidade, famosa na Antiguidade pela sua riqueza e arte e pelos numerosos templos dedicados às deusas Ísis, Serapise e Osíris.

Heraklion foi, provavelmente, destruída por um terramoto e entre as ruínas achadas no fundo do Mediterrâneo figuram casas, templos e estátuas colossais. Estas ruínas foram encontradas em frente de Alexandria.

Heraklion, que foi dedicada a Hércules, pode dizer-se que se apresenta como uma cidade moderna, tem cerca de 120 000 habitantes e é o centro administrativo da ilha.

Destacam-se, nesta cidade, o "porto velho" (edificado pelos venezianos), as torres e muralhas venezianas, rodeando a "cidade velha" ou centro, a fortaleza à entrada do "porto velho", a Igreja de S. Tito, patrono da ilha, e a basílica de S. Marcos, também padroeiro dos venezianos.



Palácio de Knossos



Em Creta

No dia 17 foi feita uma excursão a **Arcadi**, **Rethymno** (com a sua Universidade) e **Chania**, e no dia seguinte chegámos a **Santorini**, às 16 e 30 e, antes de rumarmos para Atenas, tivemos tempo livre, que aproveitei para uma caminhada pela cidade, "pendurada" sobre paredões rochosos resultantes do vulcão, cuja cratera "dorme", agora, sob aquela baía do mar Egeu.

A ilha de Santorini é talvez a mais espectacular das ilhas gregas e é considerada como o continente perdido da Antártida.

As suas casas típicas, com os telhados em forma de cúpula, as pequenas, estreitas, íngremes e pitorescas ruas, que vão desembocar nos penhascos onde ficam bares e hotéis, o esplêndido panorama das outras ilhas e o regresso em burro ou no teleférico, depois de ter saboreado um café num terraço, ficando a olhar o mar, sem esquecer um fantasmagórico pôr-do-sol que daí se pode ver, tudo isto constitui um impressionante e único espectáculo!

Com a nostalgia desta tarde em Santorini, passámos a noite a bordo, chegando ao porto de **Pireus**, em Atenas, por volta das 7 e 30. Almoço num restaurante da marina e partida para Lisboa, rememorando os ines-

quecíveis bons-momentos desta viagem, com o intelecto enriquecido e já com as inevitáveis saudades. Para quem teve a ideia e para quem organizou, o meu Bem-Hajam.

"Mister Streets" (Fernando Ruas)

LAPIDARES PHRASES QUE FICARAM PARA A HISTÓRIA

- Mikonos é uma ilha pequenina, rodeada de mar por todos os lados.
Margabreus, geographus – séc. XXX A.C.
- Colegas, a fotografia que tiramos em Knossos foram várias.
Fatma, Mahomé filiae, Séc. VII P.C.
- Estou-me a sentir cada vez mais grávida.
Idem
- Fátima, a tua coisa é maior que a minha!
Aliciae, imperialis verifictoriae – Séc. X A.C.
- E quanto tempo é que se demora a andar esses cinco minutos?
Marcus Aurelius, Roma Imperator – Séc. I P.C.
- Este vinho tem álcool?
Florindae, romanis provictoriae, post quintuplus copus – Séc. II P.C.
- Este álcool tem vinho ?
Idem, post decuplus copus.
- Nunca mais venho em grupo sózinha !
Ibidem, post multiplus copus.
- Valha-nos... Zeus.
Ignotus, post campectris agapae Hiraklionensis.
- Estas vão ser as melhores Olimpíades de sempre!
Aloé Vera, Atheniensis guidae – Séc XL A.C.

Paquim da Costa

II - PASSEIO DE VERÃO – CROÁCIA/MONTENEGRO/ ESLOVÁQUIA De 21 a 30 de Agosto

Em dois voos distintos, com intervalo de cerca de uma hora, partimos de Lisboa no dia 21 de Agosto do ano findo, quarenta e quatro audazes, ansiosos por conhecer um pouco da velha e tão recomendada ex-Jugoslávia.

Após ligeira paragem e mudança de avião em Frankfurt, chegámos a **Zagreb** capital do novo país, a Croácia, cerca de seis horas depois, tendo ficado instalados, já da parte da tarde desse dia, no Hotel

Palace, situado bem no centro daquela cidade, um belo edifício dos tempos do Império Austro-Húngaro. Sem programa estabelecido para o resto da tarde desse dia, cada um de nós passeou por onde quis e visitou o que lhe apeteceu e pode visitar.

No dia seguinte, tivemos a oportunidade de visitar e conhecer o Centro Histórico "Cornig Grad", a Catedral, a Praça do Rei Tomislav e a Porta da Pedra, única existente, do anterior sistema de muralhas que travou a expansão turca. Impressionante foi também a visita que fizemos ao Cemitério, pela beleza das suas "avenidas", da sua Capela Mortuária e dos Sarcófagos ali existentes e também o que fizeram ao Parlamento e ao Palácio do Governo, edifícios que apenas podemos apreciar exteriormente.

Após o almoço, em restaurante típico, partimos para **Plitvice**, rumo ao Parque Nacional "Plitvic Ka Jesera", considerado património mundial da *UNESCO*, com área de 30 mil hectares, situado entre as montanhas Mala Kapela e Pljesevica, a cerca de 160 km de Zagreb. É um fenómeno natural único, com 16 pitorescos lagos de águas lípidas, ligados entre si por numerosas cascatas, cuja mais alta tem 76 metros. O lago mais elevado é o Proskansko, a 639 metros de altitude e o mais baixo, situado a 503 metros é o Nova Kovica.

Os lagos superiores estão rodeados de espessos e belos bosques, enquanto que os lagos inferiores, são mais pequenos, menos profundos e com vegetação menos exuberante, acabando as suas águas por desaguar no rio Korana.

O clima é montanhoso, mas no Verão a temperatura da água dos lagos chega a atingir os 24º e neles vimos numerosos cardumes de carpas cuja pesca não é permitida.

Há apenas duas entradas para o parque e no seu interior circula um pequeno comboio eléctrico que utilizámos.

Em apenas alguns dos lagos, nos maiores, navegam barcos e num deles tivemos o prazer de navegar e nele apreciar a beleza da paisagem, beleza que do próprio hotel em que ficámos instalados – **Hotel Jezero** – podemos também apreciar mais ao longe e no seu todo.

Foi um dia inesquecível o que passámos nesse parque, por nós atravessado a pé, numa extensão de cerca de 5 km, à vontade, com temperatura amena, encantados e surpreendidos com tanta beleza natural que o homem, e muito bem, teima em conservar e beneficiar.

Bem cedo, no dia seguinte, continuámos a nossa viagem rumo à bela e antiga cidade de **Dubrovnik**, conhecida pela Pérola do Adriático, situada bem ao Sul da Croácia, bem à beira-mar, no sopé de uma montanha com 412 metros de altitude.

No percurso, parámos e almoçámos ao ar livre, em **Trilj**, no restaurante situado nas margens do aprazível, calmo e romântico rio Cetina.

Chegados, já no fim do dia, a Dubrovnik, ficámos instalados em belo e moderno hotel com o mesmo nome, situado bem à beira-mar na parte moderna da cidade.

Depois de jantar assistimos a um espectáculo folclórico e musical que a todos agradou.

No dia seguinte, logo de manhã, fomos visitar a cidade antiga, à cerca da qual muito haveria que escrever.

Pelas limitações que temos, começaremos por dizer, à cerca da sua história que é uma das primeiras e mais antigas cidades da Europa, fundada que foi na primeira metade do Séc. VII, sendo já então sede de bispado.

Como República independente, viveu um período de auge nos Séc. XV e XVI, tendo decaído face à crise de navegação que se seguiu e também por causa de um grande terramoto ocorrido em 1667.

Napoleão Bonaparte, conquistou-a em 1806, tendo então acabado como República independente.

Com a queda do império napoleónico é pouco depois integrada no Império Austro-Húngaro situação que se mantém até ao termo da 1ª Guerra Mundial, sendo depois até à independência da Croácia em 1990, mais uma cidade da extinta Jugoslávia.

Na visita à cidade antiga, verificámos que está cercada por uma muralha, construída no séc. XIII, que em longitude mede 1940 metros e tem uma espessura de 4 a 6 e mede em média 25 metros de altura. Compreende 3 torres circulares e 12 rectangulares. Na cidade antiga tem 6 portas de entrada 2 das quais foram abertas já no séc. XIX.

No centro, visitámos o Palácio Sponza, construído no séc. XVI, onde estiveram instalados entre outros serviços os da Alfandega, a Casa da Moeda e do Tesouro do Estado e que hoje alberga o Arquivo da Cidade.

No centro da principal praça, a Praça Luza, vimos o Pilar do Orlando, estátua do guerreiro, esculpida no séc. XV, símbolo medieval de uma cidade livre.

Na parte meridional dessa praça, onde no Verão têm lugar diversos concertos, encontra-se a Igreja de S. Brás, e na parte oriental situa-se o edifício da Câmara e a pequena Fonte de Onofrio. Impressionante foi também a visita que fizemos à Catedral, construída em estilo barroco, as obras de arte que guarda, o grande políptico no altar-mor, obra de Ticiano, e as dezenas de relicários de ouro e prata de diferentes formas e várias jóias em ouro e prata.

Marcante foi a visita que fizemos também ao Convento de S. Francisco, onde se mantém aberto ao público, uma das farmácias mais antigas da Europa, e a que fizemos ao "Palácio dos Reitores", em estilo gótico-renascença, cuja beleza exterior e interior é aqui indiscutível e onde podemos admirar, além do mais, os móveis de estilo, numerosos retratos, belas peças de numismática e cópias de importantes documentos de Estado.

Foi também um dia inesquecível este que vivemos na cidade antiga onde cada um de nós, durante algumas horas na parte da tarde pudemos visitar e apreciar o que nos foi possível, muito tendo ficado

por visitar, uma vez que são cerca de oitenta os Palácios existentes na cidade antiga.

Por tudo, apenas diremos que um só dia é muito pouco para visitar e conhecer, no seu todo, tão bela e inesquecível cidade dalmata.

Continuando instalados no mesmo hotel, partimos na manhã do dia seguinte, 26 de Agosto, rumo à vizinha e jovem República do **Montenegro**, saboreando um agradável percurso ao longo dum litoral de incomparável beleza passando por Risan e Perast.

Este pequeno Estado, com menos de 2 milhões de habitantes e uma superfície de cerca de 14 000 km², é muito montanhoso encontrando-se as suas principais povoações no litoral. Parámos durante cerca de 45 minutos na pequena cidade medieval de **Kotov**, situada no sopé de alta montanha, ficámos a conhecer as suas típicas e medievais ruas, distinguindo-se entre os edifícios, a Catedral, com as suas duas belas torres. Subindo à montanha, almoçámos no típico restaurante Konak saboreando comida da região e longe de qualquer aglomerado populacional.

No regresso parámos na cidade de **Budva** também medieval, bem preservada, com a sua muralha, a sua Igreja e as suas estreitas ruas, com arquitectura a lembrar Veneza.

Importa salientar que circundámos uma baía com cerca de 30m de profundidade, à beira da qual ficam as referidas cidades de Kotov e de Budva e a cidade de Cetinje, que não visitámos, mas vimos de perto no percurso de autocarro. E foi só no regresso que atravessámos aquela baía de barco, poupando algumas dezenas de quilómetros de estrada.

No dia 27 deixámos Dubrovnik e seguimos para **Split**, mais ao norte, atravessando uma escassa dezena de quilómetros na Bósnia, onde parámos uns minutos na povoação de **Neuva**, tendo chegado a Split por volta das 14 horas. Após o almoço, visitámos o Palácio de Diocleciano do séc. III, único Palácio romano. O famoso Imperador deu à cidade este majestoso palácio, ainda bem conservado interiormente e o seu próprio mausoléu. Visitámos também o Templo dedicado a Júpiter e a original e bela Catedral de S. Duje. Outros encantos tem o centro histórico classificado património da humanidade, designadamente os bairros francês, veneziano e romano. Sendo Split, a segunda cidade da Croácia, com 1 700 anos de História, cruzamento incessante de correntes culturais mediterrâneas, recorte de costa inigualável, com o seu conjunto de ilhas, foi pouco o tempo de que dispusemos – apenas uma tarde – para apreciar todas as belezas históricas e culturais.

Rumo ao norte em direcção à cidade de **Rijeka** onde

iríamos pernoitar, parámos em **Trogiv**, cidade medieval considerada património cultural e mundial da UNESCO, onde tivemos a grata oportunidade de por ela passear, entrar na Catedral de S. Lourenço (séc. XIII e XV) e ali apreciar a sua beleza interior designadamente o púlpito de pedra octogonal, as Capelas góticas de S. Jerónimo e do Beato Ivan Ursini, obra de Nicolau Fiorentini, os diversos quadros de pintores locais e italianos. Encantados ficámos também com o pitoresco e beleza das suas estreitas ruas e com o que resta, e é muito, da sua antiga muralha medieval, sem esquecer a Igreja renascentista de S. Sebastião, a pequena Igreja de Santa Bárbara que data do princípio da Idade Média (séc. X) e a Igreja românica (séc. XIII) de S. João Baptista. Mais adiante vimos, de um miradouro, a bela povoação de **Primosten**, situada numa península entre duas baías, unida à terra por um estreito istmo. Pouco depois, parámos em **Zadar**, outra cidade costeira, capital de província, onde almoçámos e em que, por falta de tempo, não pudemos visitar as suas fortificações medievais, a Catedral de Santa Anastácia e outros antigos e belos monumentos, como a Igreja circular de S. Donato (séc. IX) e o Fórum Romano.

Por volta das 17 horas, parámos em **Senj**, pequena cidade e porto de mar, também muito antiga, com resto de muralha medieval, tendo como principal monumento num alto de um monte, uma torre quadrangular que mais parece um castelo, construída no séc. XVI e que apenas vimos de longe.

Já ao fim da tarde, chegámos a **Rijeka** (antigo Fiume quando italiana), a terceira cidade croata bem ao norte e perto da fronteira com a Itália, com uma rica e tumultuosa história política e cultural e em cujo hotel Bonavia ficámos instalados. Sem tempo para visitarmos a cidade e os históricos monumentos, seguimos na manhã do dia seguinte para a Eslovénia, atravessando a fronteira cerca de 1 hora depois. Pelas 9h45 minutos chegámos a Postojna para aqui visitarmos as suas célebres grutas, as mais belas do mundo no género. Esta visita teve lugar nos primeiros 2 km, num pequeno comboio aberto, a seguir durante cerca de 1 hora a pé e depois no regresso mais 2 km de comboio. No seu interior, onde corria muita água e havia pequenos lagos o que mais nos surpreendeu foram as muitas estalactites e estalagmites.

Após o almoço, que teve lugar em **Postojnska**, partimos para **Lublana**, a capital da Eslovénia, onde chegámos por volta das 15 horas, tendo ficado instalados no hotel Grand Union. O resto do tempo foi ocupado diferentemente por cada um de nós em

passeio e visita ao centro da cidade e ao castelo. Na manhã do dia seguinte, acompanhados de guia, visitámos os principais monumentos da cidade, passando pela Praça da Câmara Municipal, as 3 pontes, o mercado, a Biblioteca, a lindíssima Catedral



Rijeka – À saída das maravilhosas Grutas de Postojna (Eslovénia)

barroca e a cidade antiga com as suas Igrejas e típicas ruas. Assim terminou uma inesquecível viagem, primeiro a um país, à Croácia, com uma forma peculiar de ferradura, com uma área total semelhante à de Portugal, com uma pequena área central montanhosa, mas com um belo e longo litoral onde se encontram cerca de mil e quinhentas ilhas das quais só algumas poucas centenas são habitadas. De Montenegro fica na nossa memória a beleza das suas montanhas, do seu litoral e das suas históricas e típicas pequenas cidades.

Da Eslovénia, com a sua bela capital, a cidade de Lubliana e o seu centro histórico e os seus monumentos e ficaram particularmente na nossa memória a "espectaculosas" grutas de Postojnska.

Alcindo Costa

Cá Dentro

I - PASSEIO DO OUTONO – NORDESTE TRANSMONTANO

2 a 5 de Outubro de 2004

Aproveitando o primeiro fim de semana de Outubro e o dia feriado imediatamente a seguir, com céu límpido e temperatura outonal bem amena, partimos da Cidade Universitária 114 "turistas" rumo ao desconhecido e para tantos ignorado nordeste transmuntano.

Após opíparo e saboroso almoço no restaurante "Meta dos Leitões", na Bairrada, continuámos a nossa viagem com uma primeira e curta paragem na **Vila de Murça**, já em Trás-os-Montes, onde tivemos oportunidade de contemplar a célebre "Porca de Murça", monumento de granito colocado na



Porca de Murça

parte central da vila, cuja origem e data em que foi esculpido se ignora, mas que estará relacionado com a zoolatria, uma das facetas da primitiva alma lusitana nos tempos pré-romanos. Impossibilitados por falta de tempo de visitar o Castro de Palheiros, a alguns quilómetros do centro da vila e de difícil acesso, pudemos ainda apreciar e calcorrear parte da chamada Via Romana, uma rua ou estrada lajeada, do tempo da ocupação romana, situada nas íngremes encostas do Rio Tuela.

Cerca de meia hora depois aportámos a **Mirandela**, onde jantámos e ficámos instalados no moderno Hotel D. Dinis, sito na margem direita do Rio Tua. Penetrando no dia seguinte no apetecido nordeste transmuntano, começamos por visitar **Vila Flor**, merecendo especial realce a visita ao *Museu Dr.^a Berta Cabral*, sito bem no centro da vila, fundado em 1997 por Raúl de Sá Correia e instalado em edifício construído em granito, antigo **Solar dos Aguilares** que remonta ao século XIII. Aí tivemos oportunidade de apreciar centenas de objectos e artigos etnográficos e de artesanato dispersos por oito salas ou secções, de acordo com as distintas temáticas, sobressaindo a sala de arte sacra, a sala das louças e a sala de Vila Flor onde se encontram, entre vários outros documentos, o Foral de D. Diniz datado de 1286 e o Foral de D. Manuel I datado de 1512, sendo este o documento original.

Feito um passeio pela vila, contemplámos e visitámos ainda e entre outros, a sua bela Igreja Matriz de estilo barroco, o Arco de D. Diniz, o Pelourinho e a antiga Fonte do Poço, fonte romana.

Rumo a **Moncorvo**, atravessámos o fértil e belo Vale da Vilarça, com os seus vinhedos, os seus olivais, os seus amendoais e diversas espécies hortícolas, havendo até quem lhe chame o *Vale do Nilo Português*, Nilo que é apenas o Rio Sabor que a seguir atravessámos pela antiga ponte de granito, pouco antes de subirmos até aquela vila.

Está Moncorvo situado no sopé da Serra do Reboredo, serra que constitui uma relíquia do concelho, com a sua enorme e luxuriante variedade de vegetais, medronheiros, cedros, castanheiros e, principalmente carvalhos e que no seu subsolo contem a maior jazida de hematite do mundo. Por aqui passaram celtas, romanos, suevos e os muçulmanos que aqui instalaram uma base militar.

O seu primeiro Foral, foi-lhe atribuído em 12-5-1289. Passeando pela vila, apreciámos o seu centro histórico, com as suas várias casas brasonadas. No Largo dos Paços do Concelho, vimos a estrutura do antigo Castelo, mandado demolir no século XIX, e não podíamos deixar de visitar a Igreja Matriz. Monumento Nacional que começou a ser construído na primeira metade do séc. XVI e demorou cerca de 100 anos a ficar concluído.



À porta da Igreja Matriz de Moncorvo

No seu interior apreciámos um grandioso retábulo setecentista e o tríptico de Sant'Ana de origem flamenga como mais pormenorizadamente nos foi explicado por simpática guia local.

Almoçámos em seguida no restaurante "O Artur" freguesia de **Carviçais** e continuando para nordeste parámos na freguesia de **Castelo Branco**, já no Concelho de Mogadouro, para vermos em pormenor o denominado e conhecido "*Solar dos Pimentais*" um dos mais arquitectonicamente ricos de todo o distrito de Bragança, acabado de concluir pelos Távoras na segunda metade do séc. XVIII.

Seguidamente bem mais a nordeste e depois de termos passado por Mogadouro, já no concelho de

Vimioso, chegámos a **Algo** dispostos a visitar o interior do seu Castelo, o que não pudemos fazer por se encontrar fechado, mas não deixámos de apreciar a sua arquitectura medieval. Segundo reza a lenda, este Castelo é obra dos mouros e foi reedificado por D. Dinis e aqui passou a residir o representante do Rei que arrecadava os direitos reais nas denominadas "*Terras de Miranda*".

Espectacular, única e deslumbrante é também a paisagem que se desfruta, para todos os lados, do alto monte em que o referido Castelo se situa, paisagem típica e singularmente transmontana que a todos nos assombrou.

De regresso a **Mogadouro**, por falta de tempo, contemplámos à distância de cerca de um quilómetro o vetusto e mal conservado Castelo de Penas Roias e logo a seguir fomos até à típica povoação do Azinhoso visitar a belíssima e românica Igreja, construída no séc. XII, classificada como imóvel de interesse público e de cuja história e particularidades do seu interior nos falou simpática guia local.

Em **Soutelo**, povoação muito próxima de Mogadouro, ficámos agradavelmente surpreendidos com a sua "Escola" de rendas, tecelagem, bordados regionais e tapeçaria.

Já em Mogadouro, vila que tem documentado o seu povoamento desde o IV milénio antes de Cristo e a que D. Afonso III concedeu Foral em 1272, tivemos ocasião de visitar, já em fim de dia, o seu Castelo, obra dos Templários, com Gualdim Paes, em 1166, que com outros castelos, como o de Algo e Penas Roias, integrou a linha de defesa da fronteira com Leão e Castela.

Além do Castelo, visitámos o seu núcleo histórico, a Igreja da Misericórdia, o Pelourinho, o Convento e a sua Igreja de S. Francisco, de estilo maneirista, convento este que já vem referido em documentos de 1609. Outro monumento importante que visitámos, foi a Igreja Matriz, acabada de construir no ano de 1510. Jantámos em seguida no típico e inesquecível restaurante "A Lareira", onde pudemos deliciar-nos com a saborosa, única e tenra "posta mirandesa", apresentada de forma única e original. O dia seguinte foi de visita à nova e bela cidade de **Macedo de Cavaleiros** que no século XIX tinha apenas uma população de cerca de duas centenas de habitantes (hoje tem cerca de 7 mil) e só em 1863 foi elevada a vila e sede de concelho.

Apesar de ser um jovem concelho, nem por isso deixou de ser interessante a visita que a ele fizemos. Após ligeira passagem pelo centro da cidade, de arquitectura relativamente recente, fomos conhecer a Albufeira do Azíbo, local pitoresco, equipado com uma praia fluvial de areia fina com chuveiros e

balneários, vigiada por nadador-salvador, com parque de merendas e cais fluvial. É a única praia do interior nordeste do país, a ter bandeira azul, além de constituir, vista e admirada no seu todo – albufeira e parque natural circundante – uma bela paisagem e um local de eleição para longas e repousantes caminhadas em contacto com a virgem natureza. Bem ao lado fica a aldeia de Podence onde visitámos o castiço Museu dos Caretos.

O que são os Caretos? São a manifestação de uma tradição secular transmontana que confunde elementos profanos, religiosos e mágicos.

Os Caretos, usam máscaras rudimentares, onde sobressai o nariz ponteagudo, pintadas com cores fortes e cujas vestes, também de várias cores, são confeccionadas a partir de colchas franjadas de lã verde, vermelha e amarela e delas pendem chocalhos presos à cintura.

Visitámos depois o Museu Rural de **Salselas**, de construção e instalação recente, onde pudemos apreciar e conhecer os variados utensílios utilizados pelo povo transmontano nos seus trabalhos agrícolas, domésticos, artesanais e as suas ancestrais vivências.

Para melhor saborearmos a beleza e encanto da paisagem tipicamente transmontana e dos seus largos horizontes, subimos em seguida à **Serra de Bornes** que ladeia o lado Sul do concelho e tem na sua maior elevação a altura de 1 200 metros, para almoçarmos na Estalagem da Senhora das Neves, situada nos contrafortes a sul, abarcando aquela privilegiada e única paisagem, principalmente a que se desfruta a sul sobre o Vale da Vilariça a norte sobre Terras de Miranda e até de Espanha.

De regresso a Mirandela, após termos sido recebidos e presenteados pela Câmara Municipal com uma saborosa e graciosa refeição no Centro Cultural, participámos em seguida num Sarau no respectivo anfiteatro, com uma primeira parte em que

fomos obsequiados com a intervenção do "Quinteto da Escola Profissional de Música" e do Rancho Folclórico local e com uma segunda parte da nossa responsabilidade, em que tivemos oportunidade de ouvir poesia na sempre apreciada voz do Francisco de Vasconcelos e a seguir uma Serenata pelo "Grupo Serenata de Coimbra".

No espectáculo, estavam também presentes várias pessoas de Mirandela.

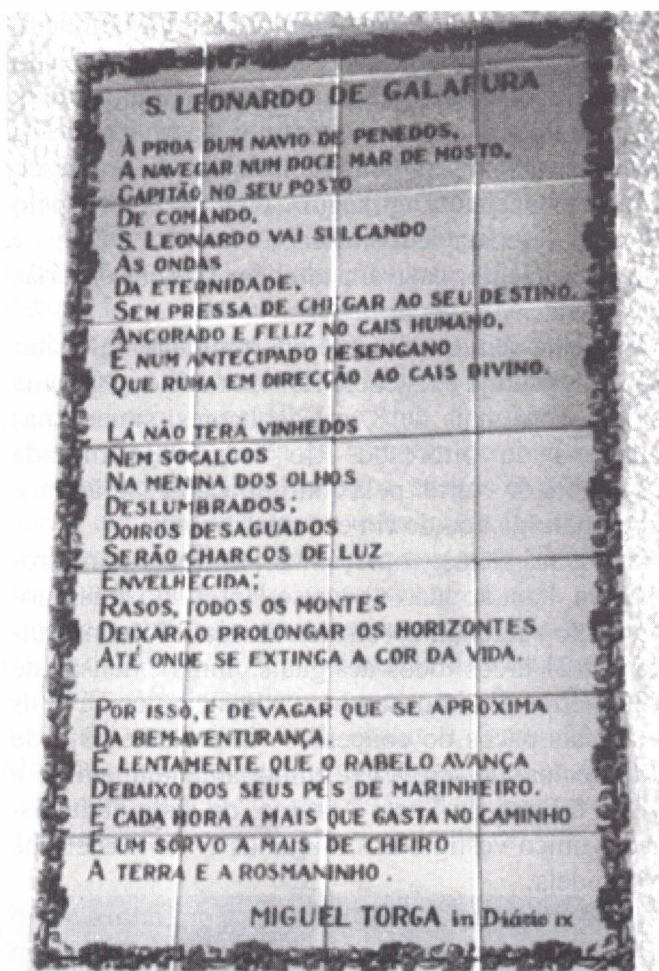
Na manhã seguinte, houve oportunidade de visitar Mirandela, cuja existência remonta ao séc. XI, uma cidade com mais de 8 mil habitantes, situada nas margens do pitoresco Rio Tua, cognominada "Coimbra do Norte" pela configuração geográfica, e traço paisagístico do rio e as suas pontes.

Nas visitas feitas, começámos por ver a ponte românica, bem ao lado do nosso Hotel D. Dinis, monumento nacional, construída no séc. XV, constituída por 21 arcos todos desiguais, numa extensão de 230 metros. E vimos também o Palácio dos Távoras – actuais paços do concelho – importante obra de arquitectura do séc. XVII. Importante também foi a visita à Porta de Santo António, de xisto argamassado, único vestígio das muralhas e do Castelo de Mirandela.

Já de regresso a Lisboa, passámos por **Galafura**, no concelho de Sabrosa, local único na paisagem duriense, cantado por Miguel Torga que aí se isolou para pensar e escrever e onde o nosso consócio Francisco Vasconcelos teve a amabilidade de declamar para todos nós, entre outros, o seu inesquecível poema "Do Alto da Galafura" onde *"o Douro, visto daqui parece um sonho enalhado, numa praia ao alvorecer."* E assim, visto do alto da Galafura, o Douro lá em baixo, *"é agora um rio parado, como um menino deitado à espera que venha o sono ou como um cão açaimado encolhido aos pés do dono"*.



O Encantamento da Galafura



Deslumbrados com aquela bela paisagem que saboreamos durante alguns minutos, seguimos para **Tabuaço**, concelho voltado para o Rio Douro, constituído como tal no séc. XIX, mas que é uma terra velha de séculos, com vários vestígios de fortificações pré-históricas e rico património arqueológico. Por falta de tempo, antes do almoço no restaurante "Tábua d'Aço", tivemos oportunidade de visitar apenas a Igreja de Santa Maria de Sabrosa, em estilo românico, antiga sede de colegiada e primeira paróquia da região, após a reconquista.

Ao fim do dia, de novo em Lisboa, agradados com tudo quanto vimos e passámos a conhecer, felizes por tão agradável passeio, insatisfeitos só e apenas porque muito mais havia para ver e conhecer naquelas longínquas e inesquecíveis paragens do nordeste transmontano. Voltaremos outra vez.

Alcindo Costa

...

Em Tempo

Recebemos do nosso Sócio Francisco de Vasconcelos o recorte do Jornal de Notícias de 6 de Outubro de 2004, sobre o Sarau realizado no Auditório Municipal de Mirandela, integrado no Programa da nossa viagem.

"O Auditório Municipal de Mirandela ficou repleto no Sarau Cultural de recepção à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, anteontem.

A iniciativa do pelouro da cultura da Câmara Municipal de Mirandela proporcionou uma mão cheia de momentos interessantes desde poesia, recitada por Francisco de Vasconcelos, até à serenata de Coimbra com as vozes de António José Rodrigues Rocha, Alcindo Augusto Costa e José Barros Ferreira, acompanhados pelas guitarras de Teotónio Xavier e Francisco de Vasconcelos e pelas violas de Manuel da Costa Braz e Fernando Soares da Costa.

A prata da casa também marcou presença, através do Rancho Folclórico de S. Tiago, o Quinteto de cordas da Esproarte e a escola de arte de Mirandela.

- Um evento cultural de inegável qualidade no âmbito da política cultural da autarquia que tem como grandes linhas uma dinamização permanente e diversificada, de forma a que a oferta cultural ganhe qualidade - afirmou o vereador da Cultura Henrique Pedro.

Alcindo Costa, antigo estudante de Coimbra, estava encantado com esta oportunidade de poder rever velhos amigos e de verificar que o espírito de camaradagem e solidariedade mantém-se bem vivo no nosso dia a dia"

Fernando Pires

CONVERSAS QUINZENAIS

2º Semestre de 2004

62ª - 63ª - 67ª e 68ª Conversa – (10 e 24 de Novembro) – (30 de Março e 6 Abril de 2005) – "A - O Culto do Espírito Santo em Portugal; B - O Sebastianismo e o 5º Império (Bandarra, P.e António Vieira, Fernando Pessoa); C - O Culto Popular do Espírito Santo, Ontem e Hoje: no Continente, nos Açores, na Madeira e na Diáspora" por Maria Olga Reis.

Pelo meu interesse no tema, ouvi-o com tanta aten-

ção que foram escassos os apontamentos que tirei para dar aqui o seu resumo. Recorri, por isso, à Maria Olga que prontamente me forneceu os dados que a seguir transcrevo na íntegra.

"Um tema tão vasto como o do Culto do Espírito Santo em Portugal tinha que se desenvolver segundo vários capítulos, procurando um certo grau de abrangência. O trabalho foi organizado na perspectiva dos séculos, acompanhando a evolução de factos e de ideias. A caminhada foi longa, tornando-se necessárias 4 "Conversas" para a efectivar. Eis o plano e o seu desenvolvimento.

- O Culto do Espírito Santo em Portugal

I - Raízes Universais do Culto.

Sendo o culto do Espírito Santo comum a toda a Cristandade, fez-se uma síntese dos seus primeiros tempos a partir da Bíblia (Antigo e Novo Testamento, textos de S. Paulo e S. João). Da história de Roma, relevou-se a época de Constantino em que o Cristianismo se tornou a religião oficial do Estado.

II – Iconografia do Espírito Santo.

Por meio de diapositivos exibiram-se obras de pintura e de escultura, escolhidos de preferência dentro da Arte Nacional, quer culta quer popular. São exemplos que mostram o Espírito Santo associado à vida de Cristo como na Anunciação, no Baptismo de Cristo ou na descida do "Paráclito", sobre a Virgem e os Apóstolos reunidos no Cenáculo, mas também representações trinitárias. Algumas destas são bem rudes como as trindades "tricéfalas", logo proibidas pelo Concílio de Trento, o mesmo se passando com as extraordinárias esculturas popularmente conhecidas como "tronos da glória" mas catalogadas pelos entendidos como "trindades verticais", que chegam a atingir dramatismo nas chamadas "trindades sofredoras". Destas se encontra um belíssimo exemplar no Museu de Arte Antiga em Lisboa.

III – Especificidade do Culto do Espírito Santo em Portugal.

1) – Influências gerais e particulares. Entre as últimas aludiu-se à mística templário-cisterciense e ao franciscanismo que tão profundamente marcaram a nossa personalidade básica como um "povo". Quanto às primeiras referiu-se o "Joaquinismo" de Joaquim de Fiore e a divulgação feita das suas ideias por Arnaldo de Vilanova, médico de papas e de reis, alquimista, astrónomo e profeta, divulgador da ideia do "quinto império" e que sendo catalão esteve presente na corte de D. Diniz e da Rainha Santa Isabel e cuja acção pode ter sido decisiva na política daquele par real quanto ao culto do Espírito Santo. 2) – o culto do Espírito Santo como "império". É agora que começamos a pisar território verdadeiramente nacional. O culto do Espírito Santo como "império" foi criado por D. Diniz e sua Esposa sob raízes joaquinistas e representa o 1º passo para alcançar a paz, a alegria, a fraternidade universal e deveria caracterizar o espírito cristão. O primeiro ensaio para o estabelecimento do novo modelo de culto foi realizado em Coimbra, no adro da Sé Velha quando D. Diniz pôs na cabeça de um pobre a coroa real, durante um bodo. Verdadeiramente o culto só seria fundado em Alenquer, pela própria rainha Santa. Foram descritas as cerimónias iniciais daquela festividade e referido um "milagre das rosas" diferente do que a tradição popular consagra. Passou-se

depois a analisar a devoção ao Espírito Santo por parte dos Príncipes de Avis e ao papel do culto desempenhado na Gesta dos Descobrimentos. Interpretaram-se ainda as figuras dos Painéis de São Vicente de Fora, segundo a óptica de Jaime Cortesão, que vê naquela pintura a consagração do País ao Espírito Santo por iniciativa de D. Afonso V, o Africano. Na 3ª Conversa, depois de uma longa interrupção, (devido a problemas de saúde), reatou-se o tema, recordando os ciclos percorridos da nossa história, para nos colocarmos no período imperial que, usando a nomenclatura de António Quadros ocupa "grosso modo" os séc. XV e XVI. Fez-se uma sùmula dos acontecimentos do primeiro destes séculos, o mais prometedor da nossa história, sem nunca perder de vista a importância do culto do Espírito Santo. Salientou-se o ano de 1500 como o fim de uma época mas também como o ano do nascimento de Gonçalo Anes, por alcunha O Bandarra, o que nos levou ao surto profético que vindo do início da nossa nacionalidade, engrossa no séc. XV com o profetismo sefardita.

Analísaram-se os pontos comuns entre o messianismo judaico e o profetismo cristão a prognosticar a terceira idade do mundo, a do Espírito Santo ou a vinda do 5º império.

Estando prestes um novo ciclo – o do Sebastianismo –, chamou-se a atenção para a dificuldade de tratar com objectividade um tema tão controverso como apaixonante e assim se entra no 4º capítulo.

IV – D. Sebastião, o Sebastianismo e o 5º Império.

O fio condutor destes assuntos foi submetido ao propósito de demonstrar 1º - que D. Sebastião com todas as suas virtudes e defeitos, foi antes de mais a vítima quase fatal de três conjunturas maléficas sobrepostas – uma de origem familiar, outra nacional e ainda, embora mais ténue, outra de carácter internacional; 2º - que o Sebastianismo, na sua evolução apresenta uma fase obstrusa, passiva e inoperante, mas que pode ser vista a uma nova luz clara, revivificante e criadora; 3º - que a nebulosa ideia de 5º Império representa afinal o sonho mais querido de toda a Humanidade de todos os Tempos e lugares, uma vez que se olhe mais o seu conteúdo que a sua forma. Da análise da conjuntura familiar vivida por D. Sebastião, salientou-se as condições do seu próprio nascimento e a sórdida política familiar desenvolvida por Carlos V, Catarina da Áustria e Filipe II de Espanha. Na conjuntura nacional deu-se relevo ao ambiente quase místico, desenvolvido e propagado pelos Príncipes de Avis que se prolongou para além deles e que explica em parte o comportamento do Rei Desejado, do seu povo e que hão-de favorecer o aparecimento do Sebastianismo. Falou-se ainda no

curto reinado do Cardeal D. Henrique e nas diligências feitas por ele e por os seus principais herdeiros, entre os quais D. António, o prior do Crato, para resolver o problema da sucessão ao trono. É minha intenção mostrar a evolução do Sebastianismo do séc. XVII até à nossa época, marcando o seu crescimento em 1603, com a 1ª edição impressa das Trovas do Bandarra, por obra do D. João de Castro, neto do grande governador da Índia, e que é considerado por João Lúcio de Azevedo como o S. Paulo do sebastianismo, assim como as Trovas do Bandarra são o seu evangelho, tornado assim como um evangelho nacional. É a fase do Sebastianismo-bandarrista. A 2ª fase tem como figura principal o P.e António Vieira que considera o Bandarra um grande profeta mas acredita que D. João IV é a encarnação de D. Sebastião. Trata-se do Sebastianismo-joanista que o jesuíta irá defender mesmo após a morte do Rei, esperando que ele ressuscite. É pois um Sebastianismo visionário. Neste século aparece a 2ª edição das Trovas, agora propiciadas por D. Vasco Luís da Gama, 5º Conde da Vidigueira (1688). O Sebastianismo torna-se esperança para todos os males políticos. Chamam por D. Sebastião todos os injustiçados e entre eles D. Afonso VI, preso no Palácio Real de Sintra. As "Trovas" são proibidas o que lhes dará maior força.

No séc. XVIII o Sebastianismo ergue-se contra as prepotências de D. João V e do Marquês de Pombal. Este culpa os jesuítas de todos os males e até de terem inventado o Sebastianismo. Ordena-se a destruição de todos os exemplares das "Trovas" e manda-se destruir o túmulo de Bandarra na Igreja de S. Pedro em Trancoso.

No séc. XIX, o Sebastianismo ganha força com as Invasões Francesas e com a guerra civil mas é

violentemente atacado pelos intelectuais, como já o fora no século anterior. Simultaneamente torna-se uma moda artístico-literária que ultrapassa as nossas fronteiras mas é posto a ridículo e a figura de D. Sebastião sofre as críticas, torna-se num bode expiatório. Surge a 3ª edição das "Trovas" "oferecidas a todos os verdadeiros portugueses por um grande senhor do Reino" 1866.

No séc. XX – Fernando Pessoa, introduz o conceito de Sebastianismo consciente. Surge um último ciclo (até à data) o do "Saudosismo" que tem grandes afinidades com o Sebastianismo.

Eduardo Lourenço no seu "Labirinto da Verdade" repensa Portugal. Este é o ponto da situação.

V – O Culto Popular do Espírito Santo em Portugal ontem e hoje no Continente, nas Ilhas e na Diáspora.

1 – Nas suas formas específicas de culto, anteriores ao séc. XX.

2 – Na persistência do culto popular e suas variantes no Continente: Soure (aldeia do Espírito Santo); Batalha; Meia Via; Carregueiro; Tomar; Penedo.

3 – Nas Ilhas – Madeira e Açores, onde nunca diminuiu a sua importância: descrição das cerimónias – coroação, bodo, os impérios.

4 – Na Diáspora – a) Canadá, Estados Unidos – Califórnia. b) Brasil."

Em todas as Conversas sobre este extenso e interessantíssimo tema a Maria Olga foi muito cumprimentada por todos aqueles que tiveram o prazer de a ouvir. Na última, a nossa colega açoreana Rafaela Revez fez-nos a grata e saborosa surpresa de nos trazer um dos doces característicos da Festa Popular do Espírito Santo – a massa sovada – que foi saboreada por todos os presentes.

Isabel Alexandre

A VOZ DA FILANTRÓPICA

Para além da nossa actividade habitual de apoio aos Colegas mais idosos, ou doentes, tomou-se a iniciativa de levar a efeito o habitual encontro designado Magusto.

Ocorreu esse encontro em 13 de Novembro de 2004, na Pastelaria S. João, à Avenida de Paris e como sempre mais não foi do que um pretexto para proporcionar mais um convívio entre os Sócios e Amigos da nossa Associação. Infelizmente as castanhas foram poucas, a água-pé *idem-aspas* e o resto também pecou por escasso e de pouca qualidade. Ficou-nos a lição para não nos guiarmos apenas pelo preço neste género de realizações.

Salvou-se, de facto, o convívio sempre muito agradável e que foi enriquecido com a presença do apreciado Grupo Coral "Ad-Hoc" e com o contributo de vários presentes que nos transmitiram a boa disposição através de intervenções cheias de graça. Apesar de tudo, valeu a pena!

O NOSSO COFRE

O ano de 2004 encerrou com o saldo anual positivo de Euros: 308,93 €, o que faz um saldo acumulado nos cofres da Filantrópica de: 4.532,76 €.

Maria Olga Reis e António Braz dos Santos

IN MEMORIAM...**Deixaram-nos...**

... no segundo Semestre de 2004:

- ✦ Dr. António Manuel Quaresma Soares Teixeira Botelho, Sócio 68 – em 9 de Julho;
- ✦ Fernando Miguel de Sousa Alves, Sócio 20 – em 26 de Julho;
- ✦ Dr. Hugo Herculano Moreno Simão Taborda, Sócio 211 – em 31 de Julho;
- ✦ Dr. Serafim José Franco de Almeida Reis, Sócio 772 – em 8 de Setembro;
- ✦ Eng. Luís Galamba de Oliveira, Sócio 609 – em 9 de Outubro e
- ✦ Dr.^a Maria Manuel Carrasco Magro Romão, Sócio 363 – em Dezembro.

Que descansem em Paz.

CARTA DE UM FAMILIAR...

A D. Maria Cristina Koenig Galamba de Oliveira participou na morte de seu Pai, **Eng. Luís Galamba de Oliveira** no dia 9 de Outubro de 2004, enviando-nos um testemunho de que a seguir se transcreve um excerto:

...
"Gostaria apenas de vos dar o testemunho de que o Pai foi um Antigo Estudante de Coimbra até ao fim! Nunca deixou de ouvir a "sua" Académica e os "seus" Fados de Coimbra. E, os seus olhos brilhavam quando contava aos netos as múltiplas peripécias da sua juventude." ...

CONFERÊNCIAS**Sobre "Coimbra, Menina e Moça", pelo Professor José Hermano Saraiva**

No dia 15 de Outubro, no Hotel Eduardo VII, o Prof. Doutor José Hermano Saraiva deleitou 106 interessados convivas com uma dissertação que, tendo embora como tema de base "Coimbra, Menina e Moça", o levou a "navegar" profundas águas sobre Camões, no jeito que lhe é tão peculiar e com a espontaneidade e juventude de espírito únicas no nosso panorama cultural da actualidade. Para registo no nosso boletim, sintetizou a sua brilhante palestra como segue:

"COIMBRA, MENINA E MOÇA...

quem pode recordar Coimbra sem se comover? E aqui, e agora, a sentir latejar o coração de antigos estudantes, a alma parece voar para um dos mais belos lugares que jamais vi: a larga varanda debruçada sobre os telhados da cidade velha, com o cenário inesquecível do vale do Mondego, donde, entre neblinas, nascem as lembranças da Rainha Santa que ali se quis sepultar; das estrofes de Camões sobre aquela linda Inês, posta em socêgo, dos amores colhendo o doce fruto, das guitarras do Choupal, onde o doce fruto nascia de encontros ao lado de estudantes com tricanas. Quantas vezes estive nessa varanda! O tempo passa límpido, sem dar por nós. A luz razante do pôr do Sol funde terras e águas num horizonte elegíaco. E irresistivelmente sobe-nos do

fundo da alma e vem à tona das consciências a antiga toada que todos nós, ao terminar este encontro, entoamos em coro:

"Coimbra tem mais encanto..."

José Hermano Saraiva"



O Conferencista e sua Mulher

Na habitual troca de impressões, muitos dos presentes aproveitaram a oportunidade única de obter do Conferencista saberes e opiniões de que é pródigo. A nossa contrapartida (cada um dá o que tem...) cifrou-se na leitura de poemas e uma mini-Serenata a condizer com o tema, transportando o Professor José Hermano Saraiva aos seus tempos de Coimbra, em saudade e comoção, segundo confessou.

IN ILLO TEMPORE

A Praxe

In illo tempore a praxe não se caracterizava como agora por brutalidades e práticas indecentes que dão origem a justos protestos dos lesados, pessoalmente ou nos seus princípios. *In illo tempore* a terrível praxe manifestava-se fundamentalmente na mobilização de caloiros ou em rapar a gafurina aos que não respeitando o aviso da calma continuavam a deambular por as ruas (quero aqui dizer-vos, muito em segredo, que no meu ano não houve caloiros!). Quando um caloiro era mobilizado, duas coisas podiam acontecer: ou mostrava-se "peludo" e "dava à casca" e então era o bobo da festa ou mostrava-se colaborante e encaixava-se desportivamente na situação. Então era respeitado ficando desde logo sob a protecção da "malta".

Sei de um que foi mobilizado para fazer uma serenata a uma dama arisca e gozona do "lar" da Rua dos Coutinhos. Com uma enorme lata e com toda a força dos seus pulmões começou a cantar o "*La donna e mobile*" de Verdi. A mesma que se preparava para de palanque gozar o caloiro sentiu-se tão ofendida que lhe fechou a janela na cara com grande estrondo. Recebeu por isso uma grande "surriada" enquanto o caloiro foi levado em triunfo para a *República dos Cágados* onde lhe refrescaram a garganta com "uns copos".

Com as temíveis "troupe" o caso era mais complexo. Havia várias protecções para os incautos: a da telha, a da dama, a da família ou a do instrumento. Esta era até bem necessária para "bichos" e caloiros que iam para a Tuna ou participavam nalguma serenata.

O caso que vos quero contar passou-se lá para o longínquo ano de 1949, pouco mais ou menos.

Era a primeira aula da tarde. No anfiteatro superior da velha "Peneira", alunos de todas as Faculdades assistiam a uma aula, de Psicologia Escolar, ministrada por Emile Planchard. Às tantas começou a espalhar-se entre nós uma certa inquietação. Um barulho indefinido coava-se através dos enormes janelões redondos da frontaria, umas vezes ameaçadores, outras como uma enorme "surriada". Ouviam-se gargalhadas e gritos. Estávamos "em pulgas" para que a aula acabasse, mas Mestre Planchard, impávido e sereno, continuava a sua lenga-lenga.

Finalmente libertos, precipitamo-nos escadaria abaixo. Quando chegámos aos portões deparámo-nos com uma espécie de "tourada" que não percebíamos muito bem. Junto da *Porta Férrea* havia um ajuntamento e nas escadas da nossa Faculdade muitos estudantes se acumulavam rindo e incitando. Era aquela época em que se estava a desmoronar a Alta. Por todo o lado se viam pedras e entulho que às vezes levantavam voo. Perguntámos a quem lá estava o que queria dizer aquilo e a história era esta:

Um caloiro, apanhado por uma "troupe", na rua fora de horas, pediu que o não rapassem ali porque estava à frente da casa da namorada e isso seria para ele um vexame, pois ela estava a ver pela janela. A "troupe" condescendeu com a condição de no outro dia ele comparecer na respectiva "República" para cumprir a praxe. Ele deu a sua palavra de honra, mas faltou, tendo por isso sido condenado à revelia a ser rapado a qualquer hora do dia. Ora o caloiro era de "Ciências" e para ir às aulas deveria passar por a *Porta Férrea*. Aí o foram esperar mas o menino vinha acompanhado do pai, um oficial do exército, devidamente fardado, que pede para não raparem o filho à sua frente porque ele se sentiria muito incomodado, mas promete que ele comparecerá na "República" para o efeito. Mais uma palavra de honra que não foi respeitada. No dia seguinte, aquele que então estávamos a viver, o rapazinho vai para as aulas, desta vez acompanhado da irmã, uma "terceiranista" de Medicina, que ao ver a "troupe" rapou da pasta o seu bisturi ameaçador. Foi aí que começou a chinfrineira. Prontamente desarmada começou a atirar pedras mas foi dominada apesar das caneladas que deu e teve que assistir à execução da praxe.

Foi a única vez que assisti a uma cena destas, numa Coimbra que já não existe. Quem sabe se alguém que, por acaso, leia estas palavras a poderá reviver comigo!

Maria Olga Reis

NOTA – Esta rubrica está aberta às "recordações" de todos aqueles que as quiserem lembrar.

OS NOSSOS POETAS

FERNANDA GODINHO ESTEVES – poeta, escritora e conferencista é a nossa poetisa, autora de vários livros. Escolhemos de entre eles poemas de "Tempos e Gentes" e "Na Sela do Vento".

COIMBRA DO MEU TEMPO

*Coimbra do meu tempo,
qual miragem de tantas,
tantas horas de alegria
que eu vivi na mais doce companhia
e venho recordar nesta romagem!*

*Coimbra do meu tempo,
a tua imagem,
sempre a seguir meu canto de poesia
sempre a seguir meus passos noite e dia,
tem sido o meu seguro de viagem...*

*Coimbra, sem doutores, quase termina;
Coimbra, com doutores fica menina
a provocar-lhes ternas fantasias.*

*Mais vinte anos passaram de fugida,
sobre os vinte depois da despedida,
mais vinte anos, perdão, mais vinte dias...*

in "Tempos e Gentes"

APELO AOS JOVENS

*Jovens,
desabrocha em vós a vida,
avancem confiantes
sentindo a verdade
da realidade,
ajudem o descrente,
o fraco, o cobarde,
o descontente,
dêem força, vigor,
ao mundo apunhalado,
desenhem-lhe novos contornos
ao ódio contrapondo amor,
cantem a fraternidade
e o entardecer
dos seres
de asas cansadas
como garças
de tanto voar,
procurem ainda apoiar.
- Depressa, porque o destino da vida
é passar!*

in "Na Sela do Vento"

PROMULGAÇÃO UNIVERSAL

*- Doravante,
de mãos dadas
em fileiras cerradas,
num esforço de mudança,
lutaremos,
para que a criança
não cresça
adulto sem esperança.
Lutaremos,
para que a verdade
tenha valor de realidade,
a serenidade
seja luz de levante
a todo o instante.
Lutaremos,
para que a confiança
seja lema de homem
para homem.
Lutaremos,
contra o jugo da mentira
contraponto de palavras
e armaduras de silêncios.
Lutaremos,
para que as plantas
floresçam verdejantes
sem poeiras de átomos
queimantes.
Lutaremos,
para que o amanhã
seja sempre manhã
de domingo,
em campanários de aldeia
com sinos a repicar
e almas lípidas
a rezar.
Lutaremos,
para que o pão seja servido
em gestos de sorriso,
toalhas de ternura
sem laivos de amargura.
Lutaremos,
para que o amor
seja uma constante da vida
e a dor,
para sempre seja banida.*

in "Na Sela do Vento"

TERTÚLIAS ACADÉMICAS

1. BOÉMIA DA SAUDADE 30 de Junho de 2004

Dr. Gonçalo Reis Torgal,
Ilustre Antigo Estudante de Coimbra.
Caros Colegas.
Meus Amigos.

É com o maior prazer que me encontro entre vós para apresentar um Ilustre Colega que traz consigo uma obra de quatro volumes sobre a nossa querida Coimbra e que se intitula – "Coimbra – Boémia da Saudade".

Por dobrada razão, o Autor é mesmo de Coimbra, da freguesia de S. Bartolomeu, ali junto à Praça Velha, no coração da cidade, território de Padre Afonso, tio da Olga Reis e que também como meu Prior ao tempo, me deu pela primeira vez a Sagrada Comunhão. Assim, nada mais precisava para que se lhe abrissem de par em par as Portas desta Casa de Todos "Nós" – Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa.

Entendo porém que devo acrescentar algo mais. Tendo o Dr. Reis Torgal frequentado o Liceu D. João III, foi para a Escola de Magistério Primário donde saiu para o Professorado na escola de Almas de Freire, freguesia de Santa Clara e posteriormente em Soure, tendo-se, entretanto, matriculado na Universidade de Coimbra onde se licenciou em Histórico Filosóficas.

Prosseguiu a carreira docente como professor de Psicologia e Didáctica na Escola do Magistério Primário de Leiria para onde foi como 1º Professor nomeado.

Nos anos setenta, volta ao ensino normal leccionando Pedagogia na Escola do Magistério de Guimarães donde saiu para a carreira de Pedagogo no âmbito do Centro Pedagógico do Porto, actividade que seguiu depois na Escola Superior de Viana do Castelo.

Foi também membro do Conselho de Informação da ANOP nos anos 81-83.

A mobilização através de tantos lugares e regiões deu-lhe um conhecimento directo da rica cozinha tradicional Portuguesa que o leva a escrever, numa perspectiva gastronómica, mas também como investigador cultural. Assim sendo, manteve durante quase quinze anos uma página dominical no "Comércio do Porto" – "Panela ao Lume" – que

deve o seu êxito, não só ao teor dos textos mas também à forma simples, despretensiosa e simpática que é a sua expressão natural.

Envolveu-se no movimento Confreirático, quer a nível Nacional e Internacional, pelo que proferiu várias palestras e apresentou várias comunicações. Assim se explica o 4º volume sobre a Gastronomia de Coimbra, no tempo em que em Coimbra existiam as Camelas, a Tia Margarida e a Cardoso e outros e em que a doçaria, desde os famosos pastéis de Santa Clara, do manjar branco que acabou porque deixaram de fazer os cacós, dos pastéis de Tentúgal que deixaram de ter um folhado excelente para terem também um recheio insípido e duro. Está, pois, explicada a razão do 4º volume – "A Gastronomia" –, que me deliciou pelo percurso e pelas notas acrescentadas.

É que só com pessoas como o Autor da obra apresentada se poderão recuperar os saberes e os sabores de receitas tão famosas como as das arrufadas das Mijadinhas, do arroz doce à moda da Beira ou do arroz de polvo da Cardoso de que tenho uma receita, pois, por graça do Destino, o Sr. Joaquim Cardoso, filho da Cardoso, foi meu Padrinho de Baptismo.

Somando todas estas notas aos restantes 3 volumes quero agradecer-lhe o prazer que me deu pelo roteiro que me fez lembrar, também, o meu tempo de "Menina e Moça", com gentes, como o Petrónio, o Custódio José da Costa, o elegante Felisberto da Editora e mais o Machado da "Arcádia" (antes tinha sido da "Coimbra Editora") e o saudoso Amândio da "Atlântida". Por tudo o nosso muito obrigada.

Não quero terminar sem acrescentar algumas palavras do Professor Doutor Ramos Lopes que passo a transcrever pois ninguém melhor diria no prefácio que inicia a sua obra:

"Coimbra Boémia de Saudade é muito mais do que um daqueles livros de memórias, de alegria que ao longo dos anos muitos sentiram na obrigação de escrever, como "tributo de antigo amor..." em lembrança dos seus sonhos e vivências da mocidade nestas formosas e peregrinas margens do Mondego que fazem de Coimbra um lugar de eleição povoado de mil recordações e de saudade.

Entretanto, Coimbra é, obviamente, muito mais do que um fenómeno geográfico, tornando-se para aqueles que nela viveram os anos da sua formação académica "um tempo e um espaço de emancipação", tempo de convívio, sociabilidade e ines-

quecível camaradagem, propiciadora de amizades para uma vida inteira.

Coimbra é tempo de espaço e de trabalho, estudo e formação académica, mas é também tempo de amores, de sonho e de alegria descuidada, a que as vozes do Fado e os acordes da Guitarra dão adequada e condigna ressonância; e é também – e quem o diria? – tempo e lugar de mitos e quimeras.

Com os seus lugares santos e seus "religiosos arredores" e a memória viva de tantas e tão notáveis figuras que através dos tempos por ela passaram, Coimbra assume-se ainda aos olhos dos moralistas, como um espaço e um tempo de eternidade. Não admira, portanto, que tudo isto perpassasse neste e em muitos outros livros de memórias que tantos escreveram e sempre ocuparam lugar de destaque nas Bibliotecas de Antigos Estudantes de Coimbra.

Coimbra "Boémia da Saudade" é muito mais que tudo isto, na medida em que o espaço, o tempo e a vida da Cidade, os hábitos e os costumes da população autóctone – incluindo fogueiras, romarias e festas e outras vivências e tradições locais – se entrelaçam com a vida académica nos seus diversos aspectos e ao longo do tempo.

Aliás estes aspectos lúdicos da vida da cidade sempre interessaram e envolveram muito a Academia e os seus estudantes que viam nos vários arraiais, na Romaria do Espírito Santo e nas Fogueiras dos Santos Populares, privilegiados momentos de sociabilidade e relacionamento amoroso com as tricanas e outras jovens da população local.

O Dr. Reis Torgal brinda-nos ainda, para além de tudo isto, com uma preciosa 3ª parte em que, com grande pormenor, paixão e notável vivência pessoal se ocupa da Coimbra Desportiva, nas suas diversas modalidades através de um desenvolvido texto que constitui documentário de inegável interesse histórico, no qual ainda muitos se poderão encontrar e rever. O estilo fácil e fluente em que nos conta aquilo que pretende e a frequência com que recorre a extensas notas de roda pé, dão à sua prosa uma fiabilidade e pormenor que gostaria de sublinhar.

O modo como, em autentica boémia de espírito, e no melhor estilo coloquial, passa de uns assuntos para outros com a naturalidade de quem, ao pegar em cerejas, trás outras nelas enganchadas, e dá natural beleza e frescura a uma narrativa cuja leitura se torna muito agradável". Citei.

Agradecida pela felicidade que nos trouxe a leitura da Obra, aqui lhe deixo com os meus parabéns e as melhores Saudações Académicas.

Maria Manuela Alves da Costa

2. DIÁLOGOS DE ROSA E ESPADA

4 de Novembro de 2004

Decorreu na sede da **Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa**, a 4 de Novembro de 2004, a apresentação do livro "*Diálogos de Rosa e Espada*" do escritor António Vilhena. A obra foi apresentada pela escritora e jornalista Alice Vieira, com a participação do poeta e cantor de Coimbra Carlos Carranca, que com a sua voz amendoada, acompanhado por Durval Moreirinhas e João Alvarez, perfumou a inesquecível sessão cultural.

Diálogos de Rosa e Espada é um livro de crónicas, uma evocação de lugares com gente dentro onde é possível viajar e encontrar paisagens de afectos e de memórias do autor, uma mistura cinzelada de luz alentejana com salpicos de Coimbra.

Alice Vieira começou por agradecer o convite e, ainda que não se considerasse crítica literária, acrescentou: eu gosto ou não gosto, não sei dizer aquelas frases complicadas, sou uma vulgar leitora. Aos poucos foi desfiando a obra, enalteceu o bom gosto da capa de António João Paisana, considerando que o primeiro contacto com o livro começa pela capa e esta é muito bonita. Depois abordou o título: *Diálogos de Rosa e Espada*.

De acordo com a sua opinião o título dá-nos a ideia de duas coisas diferentes: *a Rosa é o elemento mais feminino, para além de nos fazer lembrar a rosa do Príncipezinho, a rosa que ele encontra e cultiva; a Espada é mais um elemento masculino. Temos assim o perfume mais quente e vermelho da rosa a contrapor ao aço frio da lâmina.*

Alice Vieira disseceu a obra de António Vilhena com sabedoria e encanto e, por isso, o melhor é assumir aqui o discurso directo, lembrando aos nossos leitores que devem enquadrar a transcrição das suas palavras num registo de oralidade:

Pode-se dizer que isto é um livro pequenino, de facto são vinte e três crónicas; é um livro que se lê depressa, mas Malarmé dizia que um grande escritor se conhece pelo número de páginas que não publica, esta é uma verdade que muitos escritores esquecem.

*Uma das coisas que eu gostei nos **Diálogos de Rosa Espada** foi exactamente a escrita depurada, a escrita sem demagogias; e como sou jornalista tenho um grande horror às palavras a mais que não servem para nada e que só estão no texto para empatar ou para tornar o texto maior. O que eu gosto nas crónicas do António Vilhena é o grande rigor nas palavras que usa, os adjectivos estão ali porque têm mesmo que estar. O António é um alentejano completamente apaixonado pelo Mondego e Coimbra.*

Embalada e envolvente na sua apresentação a escritora enquadrou os ambientes e os nomes que influenciaram as crónicas:

A crónica que aparentemente pode parecer um género muito fácil porque é pequenino – escreve-se depressa, dirão –, a crónica é um género muito difícil porque é o captar de um momento de qualquer coisa, de uma expressão que se vê, de qualquer coisa que passou e as outras pessoas não deram por isso; a crónica é dos géneros mais difíceis mas também mais fascinantes. As que o António reuniu neste livro lêem-se muito bem, onde pode falar de tudo e de nada: do olhar de uma criança, de histórias aparentemente banais, de paixões, amores e desamores. Fixar momentos é que o encontramos nestas crónicas. Por estes textos passam nomes muito ilustres: Orlando de Carvalho, Sousa Fernandes, Manuel Alegre, Manuel da Fonseca, José Saramago e sempre a figura de Natália Correia. A figura desta poetisa está sempre muito presente, começando pela rosa, a presença feminina. Mas para além destes grandes nomes passam também as sombras de autores que foram e são importantes para a obra dele e de nós todos: Antero de Quental, Unamuno, Borges, e também aqueles que não têm esses nomes tão importantes e que são os amigos.

Estas crónicas também dão testemunho dos amigos do autor, quando havia tempo para as pessoas conversarem umas com as outras, quando os homens ainda falavam e se reuniam em tertúlias, quando ainda tinham tempo para discutir Camus e Sartre; acho que sou capaz de ter participado na última tertúlia, que havia no café Monte Carlo, em Lisboa, era fascinante passarmos horas a falar de escritores, de literatura e de música.

É um livro de afectos, onde entram os amigos que amam as mesmas coisas que nós, que dão os mesmos nomes às estrelas. Estes Diálogos têm uma fortíssima presença feminina: começa logo pela avó do António, que aparece nestas crónicas. Ela é sempre uma presença muito afectiva, é na casa da avó que viu a rosa e que depois dará o nome às crónicas, é a avó que se lembra de ver sempre com a linha e a agulha a fazer meia e que a uma dada altura põe a agulha e a linha a um canto e diz: vou arrumar a arte porque já não vejo. Esta frase é lindíssima. É essa avó a quem ele ensina a ler muito tarde para que ela não passe a humilhação, quando vai levantar a pensão ao banco, de ter de fazer a impressão digital porque não sabe ler. Ele decide e nessa idade consegue ensinar a avó a ler. Eu achei esta história muito parecida à da minha avó, porque a minha avó não teve netos que a ensinassem a ler, mas aconteceu que um dia chegou à mesa e disse: eu tive um sonho e um anjo no meu sonho disse

que eu tinha de aprender a ler. E depois, ninguém percebeu porquê, ela tratou de tudo, aprendeu a ler por ela e disse que foi um anjo que me disse para eu aprender a ler. O António não foi o anjo mas foi ele que apareceu logo diante dela e que conseguiu que ela não tivesse que fazer a impressão digital no banco.

Como todos os bons cronistas o António pensa e sente através das imagens. Há uma crónica muito bonita de um menino da Palestina que já não vai ser homem porque apanhou com uma bala, enquanto um soldado israelita fuma um cigarro americano com a consciência do dever cumprido. E é esta contenção onde não é preciso dizer mais nada para a história nos tocar a todos. Por aqui passam as suas angústias, os seus medos da doença, da morte, de perder os amigos neste tempo com pressa e sem tempo para o encanto, como ele diz. Realmente vivemos num tempo extremamente apressado onde a nossa vida está cronometrada.

*Por estas crónicas passam muitas das suas indignações, lembro-me duma justificadíssima que encontrei nestas crónicas: a censura dos nomes de Natália Correia e Manuel Alegre na organização das antologias ou na toponímia das terras. Este livro faz referência a todas as vivências, a todas as lembranças do António; a literatura também se faz muitas vezes daquelas lembranças que nunca existiram ou existiram apenas na nossa imaginação. Penso que as crónicas devem ser, como toda a literatura, uma voz forte contra o esquecimento, até porque as pessoas têm a memória muito curta, esquecem tudo e é conveniente que de vez em quando haja alguém que de uma maneira muito subtil e efectiva consiga lembrar as coisas que devem ser lembradas. Há algumas crónicas que são como pequenos princípios de filmes. Quero chamar a atenção de uma de que gosto muito **O Divórcio**.*

Finalmente, António Vilhena agradeceu o acolhimento da Associação e, também, de todos os que quiseram e puderam estar presentes, principalmente, à escritora Alice Vieira. Acrescente-se que *Diálogos de Rosa e Espada* é uma edição da editora *Mar da Palavra*.



António Vilhena

NOTICIÁRIO

I - JANTARES MENSAIS

Para grande satisfação de todos, houve a oportunidade de realização de um na primeira 6ª feira de cada mês deste semestre (com excepção de Agosto, claro); e, como sempre, com uma adesão que oscilou entre os 35 e os 44 convivas, que cantaram os parabéns aos aniversariantes presentes e ouviram a Serenata de Coimbra com a "religiosidade" que merece a disponibilidade incondicional do nosso "Grupo Porta Férrea".



Aniversariantes de Outubro



Aniversariantes de Dezembro

II - JANTAR / CONVITE

Também despertou enorme interesse a visita ao complexo "Domus Clube" e "Domus Vida", do Grupo José de Mello – Residências e Serviços, na Junqueira – cujo lema é "*Vida nova, nunca é tarde*", promovida com o objectivo de conhecermos mais uma via para a nossa Real República.

Foi oferecido aos 100 participantes um saboroso jantar, seguido de um Sarau por nós oferecido, com poesia pelo Francisco de Vasconcelos e a actuação do "*Grupo Jurídico de Fados e Guitarras de Coimbra*" numa Serenata final.

III - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ❖ A convite do **Magnífico Reitor**, estivemos presentes na Abertura Solene da Universidade de Coimbra, assistindo à violação das mais respeitáveis tradições académicas por um grupo de 25 alunos com o pretexto de lerem um "*Manifesto anti-Reitor/Senado/Ministro*, etc., etc.";
- ❖ Uma pequena delegação da nossa Associação confraternizou com a **Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto** nas Comemorações do seu 11º Aniversário, que integraram uma Sessão Solene (em parceria com a Câmara Municipal do Porto) onde foi evocado o escritor e político Almeida Garrett no 150º aniversário da sua morte; homenageado o Prof. Doutor João Ruiz de Almeida Garrett no 50º aniversário da sua docência na Faculdade de Economia do Porto, com exposição e conferencia alusivas, actuação do Grupo de Coros Dramáticos da Associação e do "*Ensemble Vocal Pró-Música*"; e apresentado o livro "*Reflexões Sobre a Vida Universitária*", da autoria do nosso Magnífico ex-Reitor Fernando Rebelo;
- ❖ A **Casa da Académica em Lisboa** celebrou, neste ano, o seu habitual "Coimbra de Honra" no Hotel D. Luís, em Coimbra, numa noite dedicada aos Amigos da Briosa, na qual estivemos presentes, a seu convite;
- ❖ A **Casa de Goa** e a **Câmara Municipal de Lisboa** deram-nos lugar de honra na cerimónia da assinatura do "*Protocolo de Cedência*" de mais um espaço municipal adjacente às suas instalações, para construção de um auditório;
- ❖ O **Banco Português de Investimento (BPI)** convidou-nos a assistir à apresentação do livro "*21 Retratos do Porto para o Século XXI*", que teve lugar no Centro Cultural de Belém;
- ❖ A convite da **Editora Campo das Letras** e da **Livraria Ler Devagar**, participámos no lançamento do livro "*Viver numa República de Estudantes de Coimbra*", da autoria de Teresa Carreiro e com apresentação de Fernando Rosas e Oswaldo Castro;
- ❖ O **Grupo Etnográfico da Região de Coimbra** (que actuou no XII Aniversário da nossa Associação) requereu a nossa presença na sua *VI Festa de Folclore*, realizada em Coimbra, com a representação das regiões do Baixo Minho, Douro Litoral e Beira Litoral, tendo como cenário a Igreja de Santa Cruz.
- ❖ A **Universitas Gratiae** promoveu um serão "*COIMBRA: Canto, Guitarra e Poesia*", com Carlos Carranca, Durval Moreirinhas, Sutil Roque e Jorge Tuna, no dia 6 de Novembro, para o qual fomos convidados.

SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE ...

No 2º Semestre de 2004, foram vários os livros e outra documentação oferecida pelos nossos Sócios e Amigos, que continuam assim a enriquecer a Biblioteca. Foram eles: Alcindo Costa, Maria Conceição Campos, Ernesto de Moura Coutinho, Maria Olga Reis, Isabel Alexandre, António Vilhena, João Paulino, Gonçalo Reis Torgal, Teresa Carneiro, Maria Isabel Cerveira Miranda, Esmeralda Ribeiro, Associação dos Pupilos do Exército e Câmara Municipal de Vila Flor. Também continuámos a receber com regularidade as revistas: "Rua Larga" (Reitoria da Universidade de Coimbra); Prospecto da Universidade de Coimbra; "Egoísta" (Casino Estoril); Boletim da AFAP; Boletim da Associação dos Pupilos do Exército; Boletim da Casa de Goa; "Radioprotecção" (Sociedade Portuguesa de Protecção Contra Radiações) e "Saudação Informativa" (Cooperativa Cultural de Amigos do Esperanto e da Natureza), bem como um busto de Alexandre Herculano, oferecido por Maria de Lurdes Matos de Oliveira.

Bem-hajam!

- Em 9 de Julho, no Restaurante *A Democrática* em Coimbra foi lançado o CD do nosso assessor cultural Carlos Carranca, intitulado "Poesia para Todos", que se encontra à venda na nossa Sede.
- Encontram-se também à venda na nossa Sede:
 - Vídeos e DVD's das **viagens** organizadas pela nossa Associação.
 - Livros de: Mário Trêpa "*Crónica dos Descobrimentos da Real República do Rás-Teparta*"; de M. Moura-Pacheco "*Foi Coimbra – Os Meus Amores*" e de Amélia da Conceição de Sousa Ferreira-Pinto "*O Povo do Nordeste – Vivências*".
 - O CD "**Vinte Anos ao Vivo**" no Centro Cultural de Belém pelo Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra.
- No dia 9 de Dezembro, no Auditório da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, foi constituída, por iniciativa de alguns dos seus membros, a ALUMNI (Associação dos Antigos Estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra) – com o objectivo de continuar, reforçar e perpetuar os valores e o espírito pertencentes a esta Faculdade – tendo o Presidente da Assembleia Geral e a Presidente da Direcção da nossa Associação sido convidados a integrar os 80 Sócios fundadores, "recrutados" dentre todos os quadrantes e abrangendo várias gerações.

1 - Ainda temos Sócios com Quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores
(as dos anos 1999 a 2004 perfazem 10.000 Euros...)
Quando estarão todas em dia?

Dependemos da consciência de um dever estatutário...!

CAPA E BATINA

DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 - 1º - 1000-046 LISBOA

TELEF.: 21 849 41 97 FAX: 21 849 42 08 E-MAIL: aaecl@sapo.pt

PERIODICIDADE: SEMESTRAL TIRAGEM: 1 000 EXEMPLARES

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO